

III Festival  
A **CIDADE**  
**PRECISA**  
DE **VOCÊ**

Cultura, Memória  
e Pertencimento  
na Cidade

A CIDADE  
PRESS

III Festival  
**A CIDADE  
PRECISA  
DE VOCÊ**

Cultura, Memória  
e Pertencimento  
na Cidade

**A CIDADE  
PRESS**

on-line | são paulo | 2021

## A Cidade Precisa de Você

### Diretoria 2020-2021

Laura Sobral, Barão Di Sarno, Luís Felipe Abbud, Marcella Arruda e Heloisa Sobral

### Membros\*

Alexandro Pereira, Alexandre Ribeiro, Alix de Parades, Ana Beatriz de Arruda Leme, Analu Garcia Borges, Andrea Muner, Barão Di Sarno, Bianca Antunes, Brunno Apolonio, Bruno Borges, Camila Sawaia, Carina Ferreira Chaves, Carolina Guimarães, Charly Andral, Eduardo Filinto da Silva, Elaine Terrin Bressane, Fabian Alonso, Fabiola Duva Bergamo, Fernanda Tosta, Flávia Landroni, Flávio Gurgel do Amaral, Gabriela Bernardo Marasca, Guilherme Gambier Ortenblad, Helena Dias de Oliveira Camargo, Heloisa Sobral, Ilana Zeigerman, Isabel Aquino, João Marcos Copertino, José Augusto Vieira de Aquino, Julieta Regazzoni, Karen Martini, Lao Napolitano, Lara Paim de Sene, Laura Sobral, Letícia Carvalho, Lina Yule Queiroz de Oliveira, Lola Aronis, Lucas Braz, Luís Felipe Abbud, Manuela Colombo, Manoele Scortegagna, Marcella Arruda, Marcos Mauro Rodrigues, Marco Ribeiro da Costa, Marie Caroline Lartigue, Marília Fanucchi Ferraz, Maytê Tosta Coelho, Nathalie Badaoui, Quentin Lamour, Raimundo Paiva Nóbrega, Renato Cymbalista, Talitha Rodrigues, Ursula Troncoso e Vanessa Espínola.

*\*lista atualizada em abril de 2021*

### Redes sociais

[festivalacidadeprecisa.org](http://festivalacidadeprecisa.org)

[facebook.com/acidadeprecisadevoce](https://facebook.com/acidadeprecisadevoce)

[instagram.com/acidadeprecisadevoce](https://instagram.com/acidadeprecisadevoce)

[youtube.com/acidadeprecisadevoce](https://youtube.com/acidadeprecisadevoce)

### Contato

[contato@acidadeprecisa.org](mailto:contato@acidadeprecisa.org)

## III Festival A Cidade Precisa de Você

### Apoio

Edital 40/2020 do Proac Expresso Lab Aldir Blanc  
Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Governo do Estado de São Paulo  
Secretaria Especial da Cultura do Governo Federal e  
Ministério do Turismo

## Ficha técnica

### Direção geral e curadoria

Marcella Arruda

### Curadoria

Camila Sawaia, Karen Martini e Maytê Coelho

### Produção executiva

Julieta Regazzoni e Heloisa Sobral

### Assistência de produção

Manoele Scortegagna

### Apoio de comunicação

Lara Paim

# III Festival A Cidade Precisa de Você Publicação | A Cidade Press

**Organização da publicação**  
Marcella Arruda e Karen Martini

**Projeto gráfico**  
Nina Farkas

**Direção de arte e diagramação**  
Maytê Coelho

**Edição dos textos**  
Bianca Antunes

**Revisão**  
Marcos Mauro Rodrigues

Agradecimentos aos participantes das oficinas, que produziram materiais utilizados nesta publicação:

**Caminhar de Volta pra Rua:** Ariane de Almeida Mendes, Ana Berenice Resende Melo, Beatriz Cruz, Camila Sawaia, Caroline Soares Nogueira, Elane Lopes Coutinho, Fabiana Freier, Harumi Miura, Hideo Kushiya Neto, Ierê Papá, Karen Martini, Marcella Arruda, Maria Raissala Bezerra Fernandes, Marília Ennes, Monica Lopes Galvão, Nilcia De Paula, Olívia Niculitcheff, Sandra-X, Tacio Fernandes Vianna da Silva, Vivian Leyser.

**O Lugar que é Meu:** Agatha, Alejandra, Angella, Anny Isabella, Carlos Daniel, Gabi, Gabriel, José Rhyán, Larissa Karen, Laura Sophia, Luan, Luan Víctor, Luiz Henrique, Luiz Felipe, Maria Eduarda, Paulo Henrique, Sofia.



on-line | são paulo | 2021

A Cidade Press é o selo de publicações  
do Instituto A Cidade Precisa de Você

## Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

III Festival A Cidade Precisa de Você [livro eletrônico] : cultura, memória e pertencimento na cidade / [organização Marcella Arruda e Karen Martini]. -- São Paulo : Instituto A Cidade Precisa de Você : A Cidade Press, 2021.  
PDF

ISBN 978-65-994738-0-7

1. Cultura - São Paulo (SP) 2. Espaços públicos  
3. Festival A Cidade Precisa de Você (São Paulo, SP)  
4. Memória - Aspectos sociais 5. Periferias urbanas  
6. Planejamento urbano - São Paulo (SP)  
7. Urbanismo - São Paulo (SP) I. Arruda, Marcella.  
II. Martini, Karen.

21-63678

CDD-711.570981611

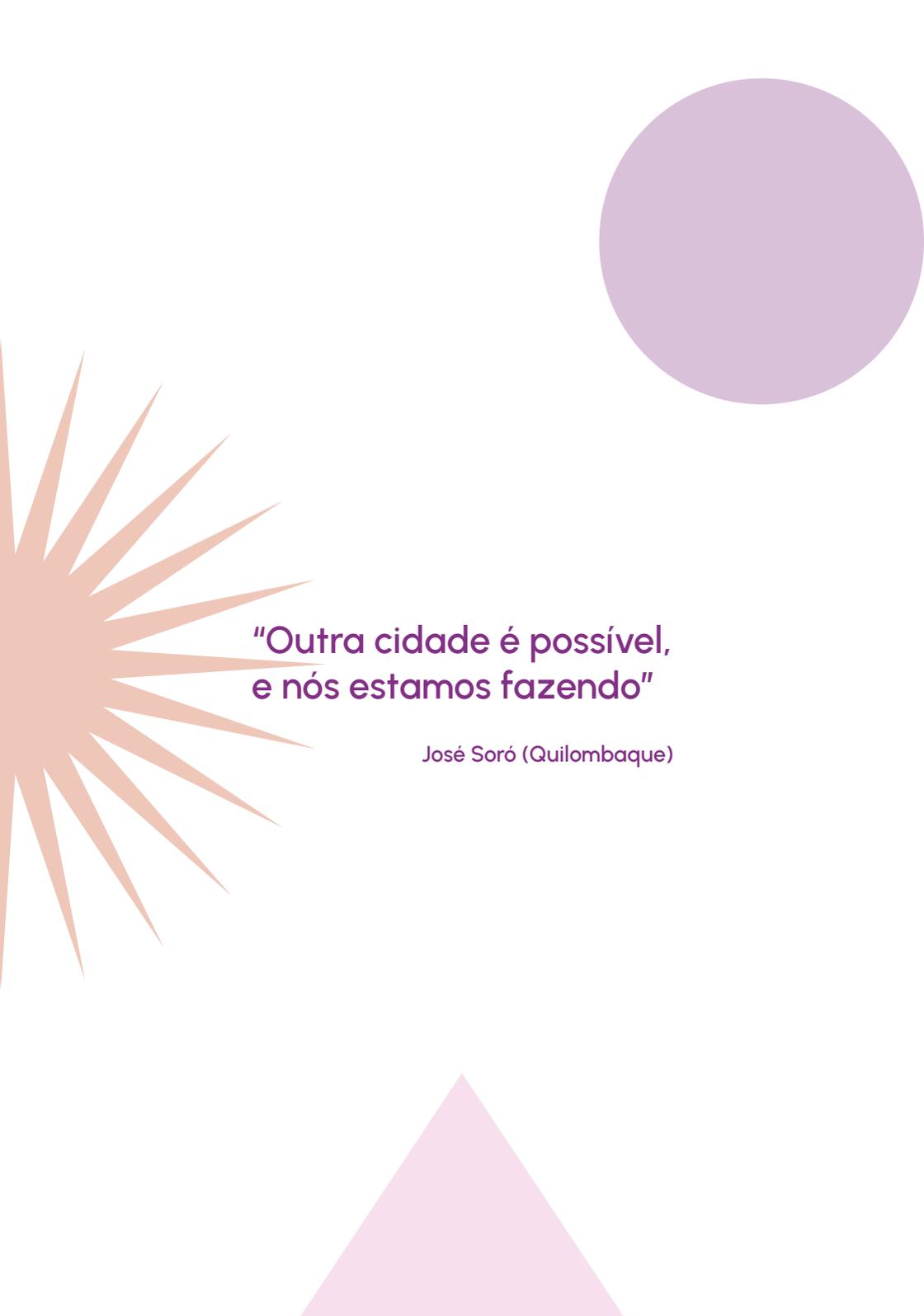
### Índices para catálogo sistemático:

1. São Paulo : Festival A Cidade Precisa de Você :  
Planejamento urbano 711.570981611

Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427



Esta licença permite que outros copiem, distribuam, exibam, executem a obra e façam trabalhos derivados dela, desde que seja atribuído o devido crédito e que sejam licenciadas as novas criações sob termos idênticos. Todos os trabalhos novos baseados neste devem ter a mesma licença.



**"Outra cidade é possível,  
e nós estamos fazendo"**

José Soró (Quilombaque)

<b>1   A Cidade Precisa de Você</b>	<b>10</b>
<b>2   III Festival A Cidade Precisa de Você</b>	<b>18</b>
Análise - Cultura, Memória e Pertencimento na Cidade	24
Exposição Virtual - Comuna SP	28
Mostra de Filmes - A Imagem, o Corpo e a Cidade	40
<b>3   Interação com os Participantes</b>	<b>44</b>
Projeção Mapeada	50
Sarau de Abertura	54
Oficina - Caminhar de Volta pra Rua	64
Oficina - O Lugar Que É Meu	68
Provocação - E.Co.Cidade	70
Provocação - Jogo Fórum Urbano	74
<b>4   Os Três Temas de Debate</b>	<b>78</b>
Patrimônio e Identidade	84
Resistências e Invisibilidades	92
Futuros Possíveis	102
<b>5   Memórias para um Porvir</b>	<b>108</b>
<b>6   Cartografia em Movimento</b>	<b>116</b>



A Cidade Precisa de Você



## Instituto A Cidade Precisa de Você

Acreditamos na importância dos espaços públicos e da participação cidadã para criar cidades mais justas. Somos um coletivo de pessoas que, organizadas em uma associação sem fins lucrativos, tem como finalidade social promover uma pedagogia urbana para o exercício da cidadania, desenvolvendo ações que tenham como resultado a conscientização e a ativação dos espaços públicos das cidades. Juntos, formamos uma rede interdisciplinar comprometida em construir cidades mais justas, democráticas, sustentáveis e vibrantes, através da ativação, qualificação e gestão de espaços públicos e espaços comuns.

Em um mundo cada vez mais urbanizado e polarizado, os espaços públicos podem servir como plataformas de trocas e diálogos, bem como um modelo de gestão descentralizada da cidade, que articula políticas do micro ao macro, integrando diretamente temas centrais da vida — como educação, moradia, meio ambiente, economia, igualdade. Em consonância com o objetivo 11 dos ODS (Objetivos de Desenvolvimento Sustentável), que visa a tornar as cidades e assentamentos humanos inclusivos, seguros, resilientes e sustentáveis, articulamos diversos atores. Comunidades locais, movimentos civis organizados, terceiro setor, a academia, empresas e poder público de territórios variados da cidade são convidados para cooperação no

metodologia para a

# COCRIAÇÃO DAS CIDADES

a partir do uso dos espaços públicos

A CIDADE  
PRECISA  
DE VOCÊ



ACIDADEPRECISA.ORG

**DIAGNÓSTICO PRELIMINAR**  
IDENTIFICAÇÃO E ARTICULAÇÃO DE  
POTENCIAIS TERRITÓRIOS E  
RECURSOS.

**ENGAJAMENTO**

uso do conhecimento  
acumulado como  
ponto de partida para  
um novo processo.



**EDUCAÇÃO URBANA**  
TROCA DE EXPERIÊNCIAS,  
MAPEAMENTO  
PARTICIPATIVO.

**TESTES & ATIVAÇÃO**

compreensão e fortalecimento  
dos laços de afeto entre  
pessoas e com o  
território.



**MÃO NA MASSA**  
COCRIAÇÃO DE PROTÓTIPOS  
A PARTIR DAS NECESSIDADES  
RECONHECIDAS.



**A CIDADE PRESS**  
PUBLICAÇÃO DA TRAJETÓRIA  
E RESULTADOS EM  
UM MANUAL  
OPEN SOURCE.

transparência  
e avaliação  
constante do  
processo.

**COMUNICAÇÃO**



**COMPARTILHAMENTO**

organização dos  
aprendizados e do processo  
em linguagem acessível.



**FAZENDO JUNTOS**  
DESENHO DE UM PLANO DE  
COOPERAÇÃO PARA A  
GESTÃO COMPARTILHADA  
DO SISTEMA CRIADO.

**SUSTENTABILIDADE**

análise de uso e impacto dos  
protótipos e desenho  
de um plano a partir dela.



coeriar a cidade

faz com que seus espaços sejam mais vivos  
e democráticos, resultando em cidades com melhor qualidade de vida.

cuidado e na boa gestão dos espaços públicos. Assim, trabalhamos para promover a gestão compartilhada de cidades para que elas se tornem mais inclusivas, diversas, acolhedoras e vibrantes.

Não oferecemos respostas prontas, mas soluções adaptadas aos contextos locais, que considerem as vozes dos territórios e seus habitantes. Agimos por meio de investigações, escuta e testes com as populações locais, ativando potenciais de territórios e criando situações de diálogos construtivos. Acreditamos no poder transformador dos territórios e de seus habitantes.

Para atuar em sistemas complexos, combinamos três eixos de atuação, a partir das demandas de cada território: Educação Urbana, Mão na Massa e Fazendo Juntos. Por meio de cursos, seminários e workshops, compartilhamos e traduzimos conceitos urbanos complexos, além de reunirmos conhecimentos locais sobre cada lugar. Buscamos traduzir os desejos em prototipagens urbanas e ativações de espaços públicos com as populações locais. Acreditamos que é fundamental que todos os atores de uma cidade possam compartilhar direitos e responsabilidades no fazer e gerir o urbano. Assim, trabalhamos sempre coletivamente, visando a entender como incentivar os cidadãos a colaborarem com seus talentos e habilidades na construção das cidades, inclusive assessorando gestores para a elaboração de políticas públicas. A partir da escuta e diagnóstico dos desafios e oportunidades urbanas, considerando referências nacionais e internacionais e inovações urbanas, desenhamos e implementamos ecossistemas de cooperação para que os cidadãos participem da construção das suas cidades.

## O Festival: pensar a cidade coletivamente

Nesta busca de compartilhar saberes e fazeres das cidades, realizamos desde 2017 o Festival A Cidade Precisa de Você, que, em suas três edições, buscou colocar luz no debate sobre diferentes formas de pensar uma cidade coletivamente. Na sua primeira edição, em 2017, o Festival trouxe como tema os conceitos de **Inovação, Democracia e Diversidade na Cidade**. Em parceria com a organização Pakhuis de Zwijger, o Festival gerou provocações ao redor do fomento de iniciativas cidadãs de inovação social. A partir deste objetivo, foi realizada a exposição **Fazendo Juntos: outras cidades possíveis**, trazendo um mapeamento



I Festival A Cidade Precisa de Você.  
Minhocão, Centro de São Paulo.

de oito iniciativas de inovação social em São Paulo e Amsterdam: A Batata Precisa de Você, Ecoativa, Teatro de Contêiner e Ocupa Casa da Praça Waldir Azevedo (São Paulo), Openlucht Buurtsupermarkt, Boost Voor Talenten, Vertical Farms e De Kolenkit Centrale (Amsterdam). O evento investigou no que consistem estas práticas, quais os instrumentos e infraestruturas que utilizam, os atores envolvidos e formas de fazer, compondo um mapeamento de inteligências coletivas que reiteram a importância do papel da prototipação, da colaboração e da participação dos cidadãos na criação de cidades com mais qualidade de vida — inclusivas, diversas, vibrantes, democráticas.

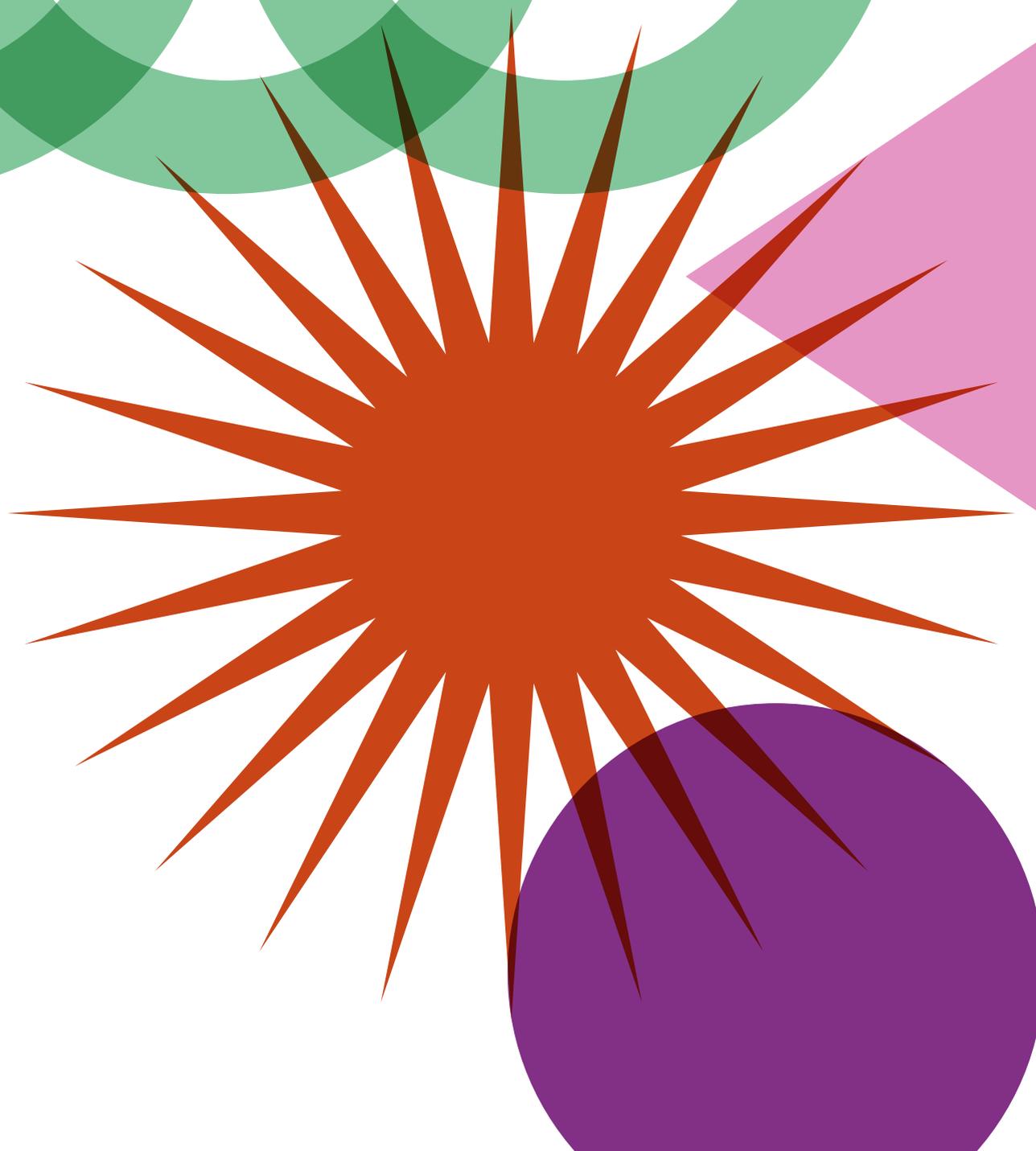


II Festival A Cidade Precisa de Você.  
Parque Linear do Canivete, Jardim Damasceno.

Em 2018, a segunda edição do Festival teve como tema **Construir brincando uma cidade educadora**. Esta edição foi decorrente de um processo de quatro meses de imersão no Jardim Damasceno, na Zona Norte de São Paulo, realizando mapeamentos dos desejos e necessidades dos moradores, trabalhando com ativações culturais, ações de regeneração ambiental e oficinas com escolas da região do Parque Linear do Canivete, celebrando a trajetória trilhada até então. O II Festival contou com o workshop Gambiarra Lab, onde foram pensadas e realizadas, coletivamente, intervenções para melhoria do parque. O dia de encerramento foi repleto de atividades culturais e lúdicas, proporcionando um espaço para trocar saberes e pensamentos sobre a cidade a partir do coletivo. Além de atividades como oficinas de tecnologias ambientais, rodas de conversa sobre a gestão compartilhada de parques e a relação dos rios com a cidade, cinema e uma peça de teatro traduziram para públicos de todas as idades a importância de fazer a cidade de forma coletiva e com consciência e responsabilidade ambiental, de forma ecológica e integrada.

A terceira edição do Festival, em 2021, foi uma experiência incomum em tempos ainda mais desafiadores: realizada de forma totalmente virtual, por causa da pandemia de Covid-19, buscamos discutir a cidade por meio da memória, da arte e da cultura, e sempre de forma coletiva. Parte do resultado está descrito nas próximas páginas.

III Festival  
**A CIDADE  
PRECISA  
DE VOCÊ**



## III Festival A Cidade Precisa de Você

Realizado dos dias 11 a 14 de março de 2021, o **III Festival A Cidade Precisa de Você: Cultura, Memória e Pertencimento na Cidade** buscou retomar o olhar para a urbe através de suas manifestações culturais, criando elos e conversas entre a cultura, os debates contemporâneos do planejamento urbano e o fazer artístico, entendendo a cultura como um prisma para pensar, fazer e representar a cidade.

O Festival se propôs a criar espaços de diálogo, de visibilidade e de imaginação coletiva, em uma criação conjunta entre os profissionais do Instituto e diversos grupos e atores, como artistas, ativistas, articuladores locais, técnicos, servidores públicos e professores.

Dividido em três eixos — **Patrimônio e Identidade, Resistências e Invisibilidades e Futuros Possíveis** — o evento envolveu uma série de atividades como sarau, rodas de conversa, oficinas, projeções mapeadas, filmes e exposição — sempre de forma virtual.

Se encontros on-line possibilitam unir pessoas de diversos lugares e realidades, também trazem desafios, ainda mais aprofundados em um contexto de profunda desigualdade, como é o caso do Brasil. O acesso precário à Internet e o analfabetismo digital são quase impeditivos da participação de alguns sujeitos periféricos.

Também por isso (além do contexto pandêmico, de profunda vulnerabilidade), trouxemos, predominantemente, pessoas de iniciativas das bordas da cidade para compartilhar suas experiências, fortalecendo estes movimentos diante deste cenário de lutas, como a renda básica.

Mesmo com estes desafios, exploramos formatos de estarmos juntos nas diversas atividades, extrapolando as rodas de conversa, e também mobilizando e envolvendo o público pelas oficinas, rodas de provocações, projeções mapeadas em empenas da cidade, entre outras atividades.

Esta publicação traz algumas das conversas realizadas durante o Festival, os assuntos mais discutidos e análises sobre os quatro dias do evento. Assim, compartilhamos tantas boas ideias e lutas com mais pessoas.

## PROGRAMAÇÃO

### 11.03 **Cultura, Memória e Pertencimento na Cidade**

Abertura e Sarau *Vozes da Cidade*

PROJEÇÃO MAPEADA: *Empena cega na Rua Augusta - Centro*

### 12.03 **Patrimônio e Identidade: narrativas de institucionalidade e insurgência**

OFICINA: Caminhar de volta pra rua: derivas possíveis em tempos de distanciamento social (parte 1)

OFICINA: O lugar que é meu (público infantil)

RODA 1: *Monumentos, ruas e museus*

RODA 2: *Patrimônio imaterial como narrativa e identidade*

PROVOCAÇÃO 3: *Mapas cognitivos para a nova vida na cidade*

PROVOCAÇÃO 4: *E.Co.Cidade: criando outras narrativas a partir do território*

PROJEÇÃO MAPEADA: *CEU Inácio Monteiro - Love CT - Cidade Tiradentes*

### 13.03 **Resistências e Invisibilidades: direito à cidade, protagonismo e pertencimento**

OFICINA: Caminhar de volta pra rua: derivas possíveis em tempos de distanciamento social (parte 2)

OFICINA: Oficina de Dança e Expressão Corporal

RODA 5: *Presenças invisibilizadas: multiplicidades e performatividades*

RODA 6: *Ocupação: corpo, terra e pertencimento*

PROVOCAÇÃO 7: *Assessoria técnica para iniciativas cidadãs*

PROJEÇÃO MAPEADA: *Comunidade Cultural Quilombaque - Ocupação Casa do Hip Hop Perus*

### 14.03 **Futuros Possíveis: como podemos construir cidades de uma forma diferente?**

OFICINA: Caminhar de volta pra rua: derivas possíveis em tempos de distanciamento social (parte 3)

OFICINA: BIP/ZIP Jogo Fórum Urbano

RODA 8: *Lançamento do livro Fazer Juntos*

RODA 9: *Subverter por dentro: carta às prefeituras*

RODA 10: *Regenerar pelas bordas: arte na cidade*

PROVOCAÇÃO 11: *Encerramento: Memórias para um porvir*

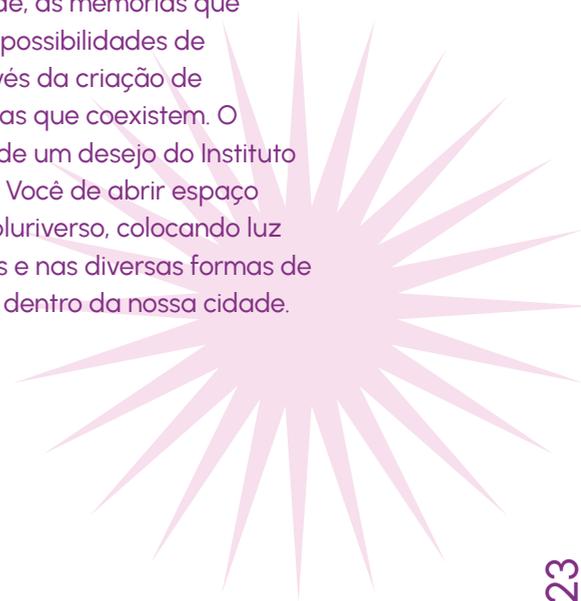
PROJEÇÃO MAPEADA: *Centro Cultural da Juventude Ruth Cardoso - Vila Nova Cachoeirinha*

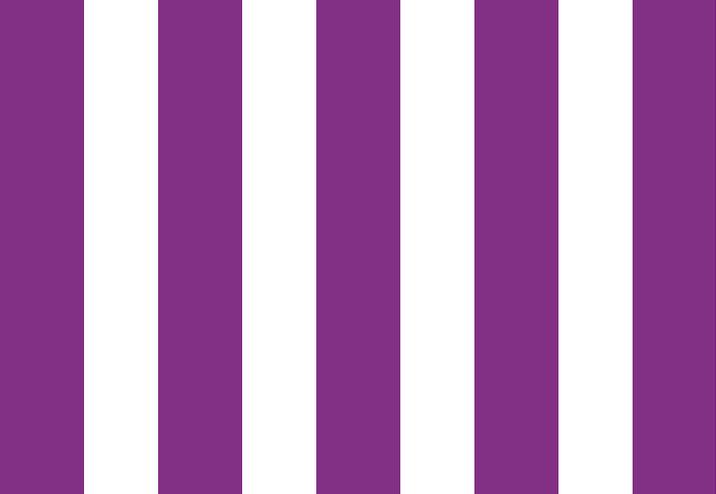
Programação transversal, permanente no site ao longo do Festival:  
Exposição Virtual - Comuna SP e Mostra de Filmes

## Porque unir cidade e cultura

A produção de cultura se dá na forma de um encontro vivo, sustentando a troca ao redor do direito à memória e à cidade — ainda mais em São Paulo, onde “tudo é construção, mas já é ruína”, como canta Caetano Veloso em *Fora da Ordem*. Uma metrópole atravessada por apagamentos históricos, na qual os habitantes das periferias são frequentemente privados de seus direitos, e onde o direito à existência é para poucos. A arte e a cultura manifestam-se, assim, como um meio de liberdade de expressão e de existência livre.

Juntos, reconhecemos as culturas cotidianas que habitam a cidade, as memórias que a ressignificam e as possibilidades de pertencimento através da criação de comunidades diversas que coexistem. O III Festival fez parte de um desejo do Instituto A Cidade Precisa de Você de abrir espaço para nosso mundo pluriverso, colocando luz nas diversas cidades e nas diversas formas de habitar que existem dentro da nossa cidade.





# Cultura, Memória e Pertencimento na Cidade



Marcella Arruda, Camila Sawaia, Karen Martini e Maytê Coelho  
(Instituto A Cidade Precisa de Você)

Qual a importância da cultura urbana para o direito à memória e para a construção de pertencimento na cidade? Diversos coletivos cidadãos ocupam os espaços públicos da cidade, resignificando estes espaços com seu uso e apropriação, e resgatando e construindo juntos memórias para um porvir. A produção do comum se dá, assim, a partir da convivência cotidiana e da contínua disputa na construção da cidade como “obra de arte coletiva e inconclusa”, como costuma dizer o urbanista Alexandre Delijaicov.

A arte, nas suas múltiplas linguagens, torna-se ferramenta na construção de narrativas contra-hegemônicas, que articulam sujeitos periféricos na busca da garantia ao direito à cidade. Um direito que vem sendo negado há muitos anos no que tange ao acesso à cidade existente, mas também à cidade porvir (como muito bem defende o geógrafo David Harvey). A experiência desta cidade porvir pressupõe um sentimento de pertencimento: ao bairro que se habita, à cidade, à uma identidade e ao corpo coletivo. Como a cultura presente no dia a dia da cidade e a memória de diversas ancestralidades podem ser agenciadas na projeção comum de um futuro habitável?

São Paulo sempre foi marcada por ações culturais de resistência política, de coletivos que criam narrativas críticas e criativas da cidade — pluriversos. Estes movimentos são responsáveis por tensionar sistemas, criando reflexões e nos

provocando a construir, juntos, memórias de outros futuros possíveis. A arte, em profundo diálogo com o ambiente cotidiano, engaja-se no fortalecimento de lutas identitárias e na imaginação de sistemas de justiça socioespacial, resignificando o já enraizado.

Em um contexto de inúmeros retrocessos de direitos, irresponsabilidades políticas e do projeto de necropolítica em voga, além de tentativas históricas de apagamento e invisibilização de corpos negros, femininos, infantis, idosos, com necessidades especiais e em situação de vulnerabilidade, celebrar o corpo que pulsa nas múltiplas manifestações culturais é resistência e esperança, fazendo emergir memórias afetivas e o pertencer ao corpo e ao lugar que se habita.

## Quais são essas outras vozes que ecoam o silêncio?

Frente a uma cidade que sistemática e historicamente estruturou-se baseada no apagamento de certos corpos e de certas identidades, movimentos territorializados clamam o direito a reinventar e ocupar estes espaços, subvertendo suas lógicas. Mauro Neri ocupa os muros de São Paulo com sua tag veracidade, evidenciando as contradições de um Estado que afaga e, ao mesmo tempo, apaga, financiando e punindo manifestações dissidentes. Na roda de conversas Ecocidade, ouvimos e projetamos outras formas de valorização do patrimônio e de relação com a memória urbana, criando significados e narrativas vindas das comunidades. "Quando perdemos um griô<sup>1</sup>, perdemos uma biblioteca viva", clama Ana Carolina Martins.

<sup>1</sup> "Significado de griô: Relativo a ou pessoa que pertence a uma casta profissional de depositários da tradição oral africana, exercendo funções de poetas, cantores, contadores de histórias e músicos, a quem são frequentemente atribuídos poderes sobrenaturais."

Fonte: [Dicionário Priberam da Língua Portuguesa](#).

Nestas experiências, é possível enxergar uma outra cidade que emerge, uma cidade que se regenera pelas bordas. Mais que isto, é possível enxergar as muitas cidades que existem dentro da cidade.

O Festival veio em um momento em que as consciências individuais e coletivas precisam caminhar em consonância, especialmente neste contexto de pandemia. Paulo Freire defendia a conscientização: é necessário que os indivíduos possam ter uma consciência crítica dos contextos em que habitam, mas também descobrirem-se como sujeitos ativos de transformação destes contextos. Para que tenhamos uma cidade mais justa, sustentável e democrática, é fundamental que possamos apoiar a criação de uma cultura de cidadania ativa, onde cada um de nós pertença a este projeto coletivo e reconheça o pertencimento dos demais corpos. A pandemia global nos obriga a um recolhimento, mas também urge uma retomada do público com mais cuidado e corresponsabilidade, a partir da descoberta de novas maneiras de habitar.

Fechamos esta publicação em um contexto onde mais de 3.000 vidas se vão todos os dias, após um ano de pandemia de Covid-19. É urgente relembrar nossa memória das violências cometidas diariamente. É urgente criar uma cultura de cuidado dos nossos corpos individual e coletivo. É urgente lembrar das vidas que são perdidas e impactadas, e não se amortecer frente aos números. É urgente poder pertencer ao lugar que habitamos juntos, poder reconhecer as memórias que nos constituem, poder celebrar a vida e os encontros, resgatar nosso direito de sonhar sonhos possíveis, que nos impelem à ação. É urgente poder transmutar luto em luta.



# Exposição Virtual: Comuna SP

Laura Rago (jornalista e curadora da exposição Comuna SP)

A partir dos três eixos conceituais — Patrimônio e Identidade, Resistências e Invisibilidades, e Futuros Possíveis — definidos pelo III Festival A Cidade Precisa de Você, fizemos o trabalho de prospecção de artistas do território nacional que tenham trabalhos relacionados com a cidade de São Paulo para criar a exposição virtual Comuna SP.

A coletiva é uma amostra de um movimento genuíno de leitura do contemporâneo, que emerge para indicar caminhos sobre debates do presente e levanta questões sobre modos de experimentação estética e ressignificação da arte e de suas condições de possibilidade, para além do sentido estético e convivendo com várias manifestações.

Giselle Beiguelman, Denilson Baniwa, Aparelhamento, ALI (Arte Livre Itinerante), Nós Artivistas, Xiloceasa, Jamac, Fumaça Antifascista, Lala Terrível, Eneri e Loba Gi são parte deste movimento.

Cabe aos artistas, aos agentes da cidade e às ações colaborativas provocar um posicionamento sobre a realidade e convocar o público ao diálogo e à ação política, para além da atitude contemplativa. É preciso indicar também modos diferentes de ver e representar o mundo, para desestabilizar processos ideológicos e estruturais, desconstruindo narrativas e pensamentos dominantes.

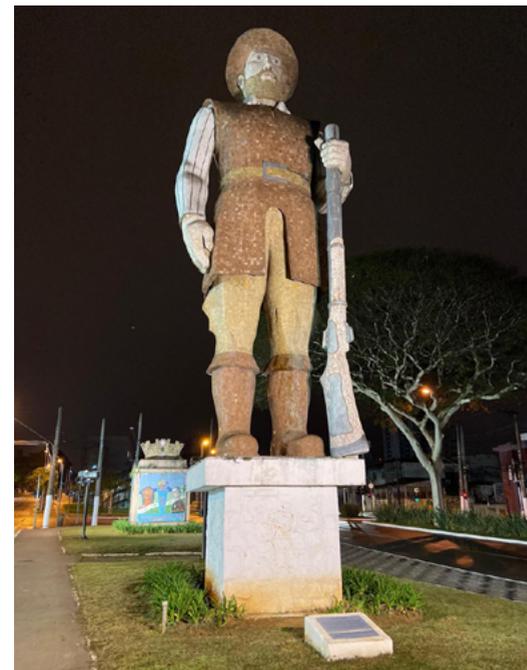
A mostra explora diferentes linguagens e narrativas para trazer debates atuais e discussões formais, reconectando os espaços públicos da cidade, a população, os agentes culturais ativos e suas potencialidades.

## Lugar estratégico de ação

As cidades são incubadoras de manifestações artísticas e palcos do exercício experimental da liberdade. O espaço público, onde se desenrola a vida dos moradores da cidade, com suas idas e vindas, e a paisagem urbana viram inspiração e suporte para obras transformadoras de percepção.

Em tempos de Covid-19, o espaço digital abrigou o III Festival A Cidade Precisa de Você e foi plataforma para esta exposição e apoio para estas manifestações, possibilitando um tipo de experiência artística que só se consolida com a participação do(a) receptor(a).

O III Festival A Cidade Precisa de Você tornou-se o espaço público que predispõe à reflexão da arte contemporânea, como um laboratório experimental, estimulando a construção de um olhar atual para re- visar o sistema da arte, apresentando novos espaços possíveis de atuação e posição. A exposição virtual busca traduzir a imagem viva da efervescência do meio artístico.



Obra: Monumentificação do Ressignificado - Borba Gato  
Coletivo: Aparelhamento



MANUEL DE BORBA GATO  
São Paulo, SP, 1649 - Sabará, MG, 1718  
OCUPAÇÃO: Caçador de indígenas, explorador de jazidas de prata e ouro. Foi agraciado no fim da vida com o cargo de Juiz Ordinário. É conhecido por ser Bandeirante Paulista.  
ACUSAÇÃO: Homicídio qualificado de negros, índios e branco, promoção de trabalho escravo de negros e índios; estupro de mulheres negras e índias. Apropriação indígena de riqueza e poder. Pelo assassinato de um Coroa foi foragido alguns anos, mas em negociata com a Coroa foi perdoado pelo crime, e a ele concedido o posto de lugar-tenente em troca da localização de minas de ouro.

Fica decretado que qualquer pessoa que se sinta obrigada a ver este monumento está autorizada a intervir e  
ressignificá-lo  
Autor do monumento: Júlio Guerra

Oficina de Pipas realizada em parceria com o Instituto do Gueto na Cidade Tiradentes  
Coletivo: Ali:Leste (Arte Livre Itinerante)



Obra: Petróglifos na Selva de Pedra  
Artista: Denilson Baniwa  
Fotografia: Rafael Avancini

Intervenção: Teatro Municipal  
- Antidesfile de 7 de setembro  
com o Grupo de Ação

Coletivo: Fumaça Antifascista



Obra: Monumento Nenhum  
Artista: Giselle Beiguelman

Obra: Monumento Nenhum  
Artista: Giselle Beiguelman



Projeto social: JAMAC (Jardim Miriam Arte Clube)



Projeto social: JAMAC (Jardim Miriam Arte Clube)



Intervenção: Pixo  
Artistas: Lala Terrivel, Eneri e Loba Gi



Intervenção: #silencióapagamento  
Coleitvo: Nós Artivistas  
Fotografia: Volpe Imagens

Xilogravura: Sem Título  
Artista: Beatriz Lira  
Grupo: Xiloeasa



# A Imagem, o Corpo e a Cidade

Isabela Umbuzeiro (terapeuta e diretora do filme *Incomuns*)

Visionários, marginais, incomuns, imigrantes, ocupantes, sem-teto, artistas, militantes, loucos, viventes... corpos que pulsam na tessitura de duas cidades, ocupando suas brechas, bordas e cantos, que se fazem visíveis pelos quatro filmes que compuseram a mostra audiovisual deste III Festival A Cidade Precisa de Você. Ao mergulhar nesta contemplação, navegamos por tantas cidades em uma São Paulo e descobrimos percursos singulares em Blumenau. Um cinema-pesquisa, feito daquilo que afeta corpos dissidentes, e de narrativas documentais que, ao acompanhar cada trajetória, evidenciam as criações que derivam destas existências. Corpos que firmam presenças errantes e câmeras atentas à multiplicidade de formas de ocupar, transitar, habitar e tecer as muitas cidades em um território.

Como nos lembra Rodrigo Costa, no filme **Visionários da Quebrada**, "Nós, marginais, não escolhemos ser marginais. Ninguém escolhe ser marginal, você é marginalizado [...] então, já que



Imagem do Filme *Incomuns*

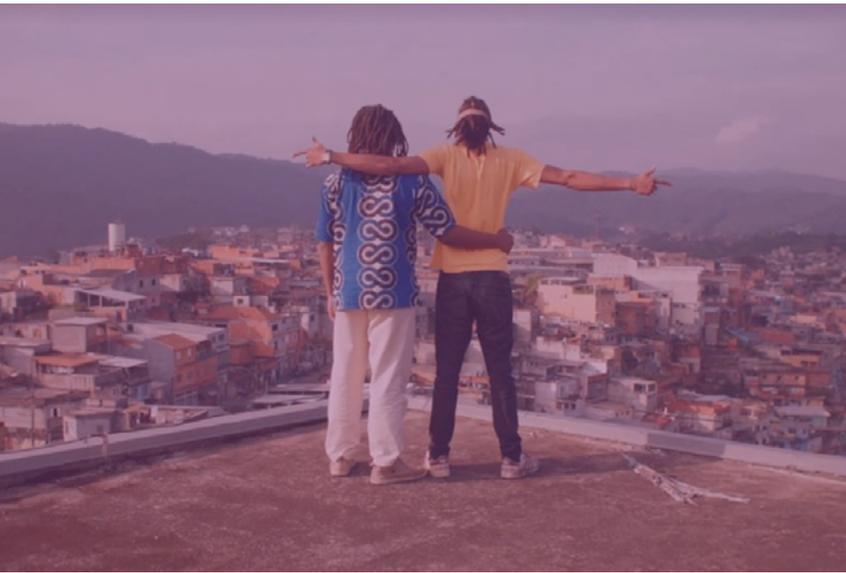


Imagem do Filme Visionários da Quebrada

fui marginalizado, fui colocado nessa posição de quem incomoda, bora incomodar!"

Este incômodo, quando compartilhado em ações artísticas, faz brotar sentidos de comunidade, como salienta Chico Brasil, no filme **Incomuns**: "Desde que fui internado, acho que foi a arte que me manteve vivo". As experiências evidenciam uma concepção de arte que sai das fronteiras instituídas do nosso sistema cultural e nos conecta com a força da vida em invenção.

Descobrimos, assim, pequenos oásis coletivos e caminhos visionários diante dos constrangimentos individualistas e privatizantes que insistem na vida urbana. Gestos que afirmam diferenças e o pulso vital de corpos ditos periféricos e marginais, que escolhem ir em direção ao que cuida da vida, para além do que é instituído e policiado. Saio das sessões nutrida, honrando as estratégias de ocupação e resistência documentadas, e fortalecida para seguir afirmando o direito à existência de tudo que vive.

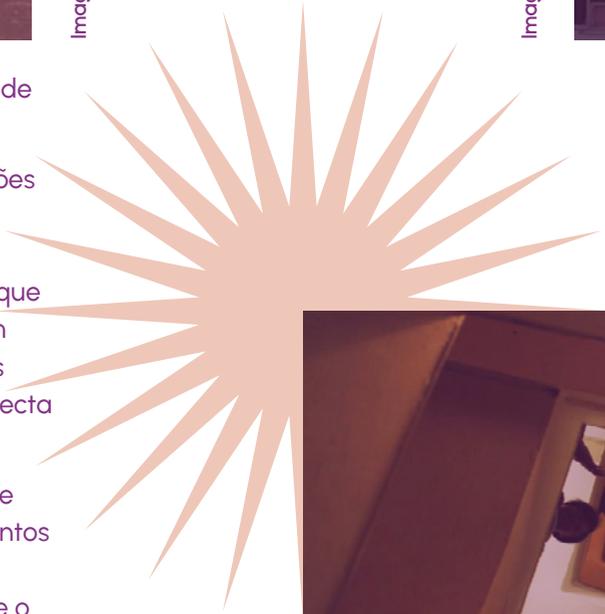
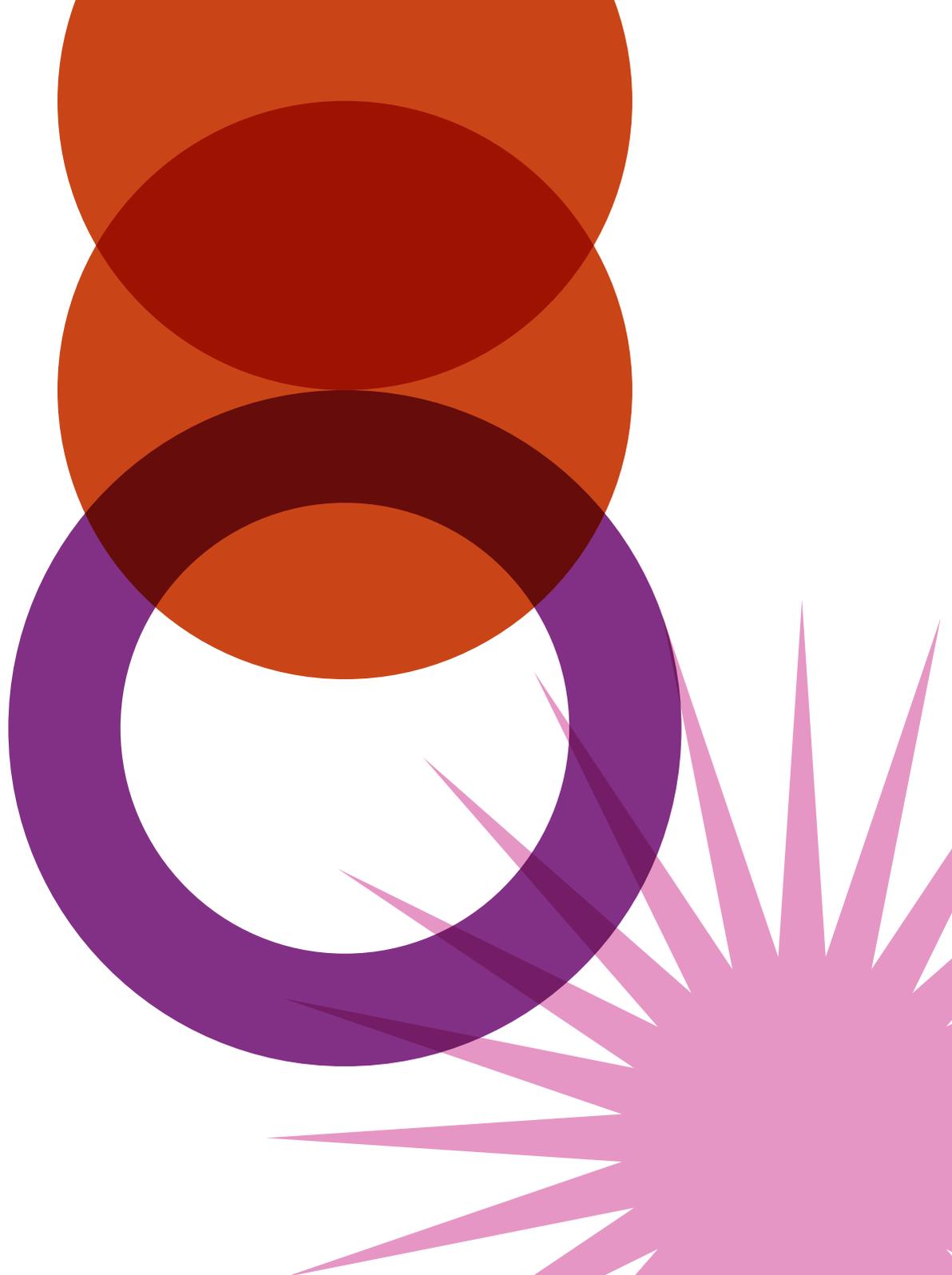
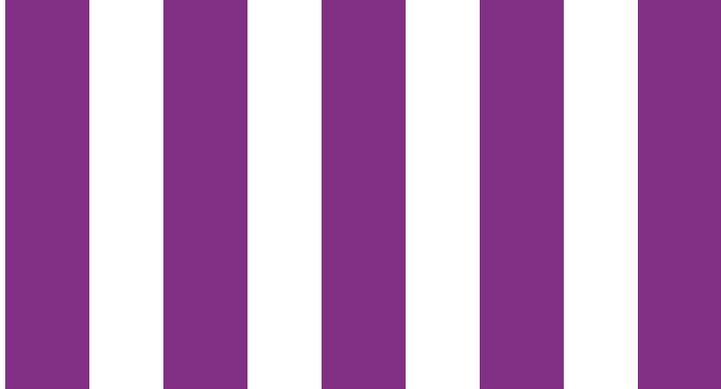


Imagem do Filme Era O Hotel Cambridge

Imagem do Filme Cidades Afetivas





## Interação com Participantes



Marcella Arruda (Instituto A Cidade Precisa de Você)

## Interseções e provocações

Ao longo do Festival, realizamos atividades interativas e participativas em formato de oficinas e rodas de provocação com participantes de iniciativas cidadãs de diversos locais do País e profissionais atuantes na área.

O sarau **Vozes da Cidade** iniciou o Festival com uma pluralidade de linguagens e corpos, com suas memórias das ruas manifestadas em dança, jongo, poesia, voz e violão. O **afeto e as memórias como forma de ocupar os espaços**, a cultura como forma de criar novos modos de vida, o pertencimento como a criação de comunidades, a memória como entendimento de si e do outro são os temas que manifestaram a partir de suas próprias histórias pessoais.

Nem tudo esteve restrito às telas: ao longo dos quatro dias do Festival, foram realizadas **projeções mapeadas** em quatro regiões de São Paulo. Os conteúdos fazem parte do repertório visual que o Coletivo Coletores vem imprimindo na paisagem da cidade nos últimos anos: relações entre arte, tecnologia e direito à cidade, pensando o tecido urbano como suporte de democratização de expressões artísticas, que podem funcionar como alternativa aos espaços tradicionais da arte.

Já as oficinas trouxeram um olhar para a diferença entre os corpos, para o acolhimento do erro e a abertura de uma relação afetiva

com o mundo e o espaço ao redor. Seguindo protocolos de segurança e usando o virtual como disparador de uma retomada da relação do corpo com a cidade, tivemos três oficinas.

O Coletivo Teatro Dodecafônico, em sua oficina **Caminhar de volta pra rua: derivas possíveis em tempos de distanciamento social**, projetou cuidadosamente programas de deriva, criando novas formas de circulação e interação com o ambiente urbano. Um de seus principais focos é **sair do caminho que você normalmente seguiria**, propondo seguir pessoas ou acompanhar um mapa traçado com as linhas de suas mãos.

Também partindo da cartografia de percursos urbanos, Natália Garcia, em sua roda de provocações chamada **Mapas cognitivos para a nova vida na cidade**, realizou leituras de mapas intuitivos desenhados pelos participantes sobre deslocamentos que costumavam realizar na cidade. Nestes mapas, em vez de informações sobre usos, fluxos, capacidades ou infraestruturas existentes, o que se lê são **as percepções subjetivas de cada corpo no espaço** e as relações cognitivas que se dão nestes deslocamentos. Os mapas foram lidos e, a partir disso, sugerem-se outras práticas para habitar estes espaços, ao invés de propor mudanças físicas no ambiente.

A oficina **O lugar que é meu** buscou validar **o espaço e a voz das crianças**, garantindo que elas tenham espaço de participação e representação no pensar e fazer a cidade. Foi realizado, em parceria com o CCA Chacára Santo Amaro, um trabalho com a memória afetiva e o pertencimento das infâncias em um



contexto repleto de privações, recuperando **os lugares secretos, os cantinhos de afeto** e todas as camadas de encontros que o viver a cidade proporciona. Foi uma exploração coletiva e sensível dos lugares que foram perdidos durante a pandemia, mas, também, um espaço para expressar aquilo de que se sente falta para, em seguida, construir coletivamente uma cidade onde se enxergam, representando os lugares aos quais pertencem.

A oficina de dança, realizada pela **Odec - Oficina de Dança e Expressão Corporal**, trabalhou a relação do dentro e do fora, **do corpo individual e coletivo**, na abertura de um espaço de liberdade como consciência do limite e na **produção de memórias afetivas da cidade**. Um lugar de cuidado e apoio mútuo, que se manifesta no afeto e no permanente trânsito entre eu-outro-espaço, tendo como mediador desta interação, neste momento específico, o espaço virtual.

O Festival também contou com rodas de provocações, trazendo dinâmicas coletivas de cocriação de tecnologias sociais para melhorar a qualidade de vida urbana.

Através do projeto **Ecocidade**, foram apresentadas **iniciativas cidadãs de melhoria urbana na região da Brasilândia**, Zona Norte da cidade de São Paulo. O projeto envolve a articulação e a divulgação de personagens do território, que contribuem para o desenvolvimento sustentável da região. A iniciativa almeja a política do **Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP)**, já regulamentada no plano diretor da cidade. Entre as questões em debate, falou-se sobre

como podem ser criados novos TICPs utilizando este mecanismo urbanístico para se apropriar, preservar e reinventar territórios, ativando suas potências.

Na conversa sobre **Assessoria Técnica para Iniciativas Cidadãs**, foram chamadas pessoas integrantes de movimentos cidadãos de ocupação e cuidado de espaços de interesse público e comum. No debate, muitas questões: **como legitimar o direito de espaços de liberdade na cidade**, que são, muitas vezes, marginalizados ou invisibilizados? Quais experiências podem ser trocadas para nos fortalecer mutuamente? Abrimos um momento de troca de tecnologias e conhecimentos sobre o apoio e a regularização de espaços comunitários na cidade.

Por fim, o **Jogo Fórum Urbano**, desenvolvido pela associação Locals, e o livro **Fazer Juntos**, organizado por Laura Sobral, presidente d'A Cidade Precisa de Você, trouxeram debates ao redor da **criação de pactos locais e territorializados a partir dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS)**, buscando constituir ecossistemas de cooperação para criar uma justiça socioespacial e climática.

Convidamos você a conferir, a seguir, memórias das atividades realizadas no Festival, que foram produzidas a partir da interação com os participantes de cada encontro.



# Entre giras, memórias, jogos e histórias a se contar

Toni Baptiste (Coletivos Coletores)



Projeção do Coletivo Coletores

Caminhar, encontrar, conhecer, trocar e retornar — o caminho para uma gira ou uma roda de samba, espaços temporários vivos que transmutam. É com este espírito que percorremos diferentes cidades e suas longas franjas, costurando territórios, costumes e temporalidades. Como um jogo de cartas que evoca uma outra temporalidade, envolvendo coletivamente ritos e códigos, que só quem está disposto a jogar ou a acompanhar o jogo percebe. Assim, transitamos por diferentes espaços, dialogando e cocriando a partir de memórias, incertezas e afetividades. Sempre que a cidade precisa de nós e que nós precisamos da cidade, lá estamos. É mais do que um convite. É, para nós, um compromisso que corresponde assim — como o jogo e uma gira, dialoga com questões que estão para além do pragmatismo cotidiano. Se nossos antecessores de um passado não tão distante usavam a luz do fogo para, através das sombras, moldar imagens e contar histórias, hoje, com a luz dos projetores, fazemos do nosso caos uma ferramenta para continuar as narrativas que não começaram e que tampouco terminarão em nós.



Projeção do Coletivo Coletores



Projeção do Coletivo Coletores



Projeção do Coletivo Coletores

## Sarau de Abertura

vêm chegando os poetas pra falar no meu sarau!  
vêm chegando os poetas pra falar no meu sarau!  
ouvindo o som do meu tambor e também do berimbau  
vêm chegando os poetas pra falar no meu sarau!

a poesia é crua, a poesia é toda a realidade,  
porque todo dia tentam, com a mídia morta,  
padronizar cabeças, mas a coluna é móvel,  
o tempo passa e a resistência continua.

pela água, pelo fogo, amor, amor em dobro.  
arroz com ovo é gostoso. eu tento mais uma vez.  
peço luz aos meus pensamento, medito na língua dos preto véio.  
eu peço ajuda, não peço arrego. ô de casa.  
reconhece quem ao seu lado anda com firmeza. salve mãe, salve pai.  
atitude e pensamentos valem como corpo e espírito presentes.

e todo dia dessa breve vida.

poema de Maria Thereza, da Vila Nova Cachoeirinha, em São Paulo.

Recitado por Raquel Almeida

essa é a história de um tempo. alguns dias atrás, muitos anos, poucas horas, agora mesmo, anteontem, o ano que vem. momentos nos quais tínhamos uma única certeza: o melhor vem depois. mas será que vem? hoje mesmo, pensei sobre ontem. um dia que passou. amanhã virá outro, mas virá por onde? quanto tempo leva para o amanhã chegar? será proporcional ao hoje que se vai? e se não houvesse calendários, ponteiros, relógios? como apontaria para o futuro? de que forma caminharia pelo passado? eu observo o que esteve aqui. bem aqui mesmo onde estamos pisando. vocês se lembram? agora mesmo. há tanto tempo, nunca mais. e se pararmos para pensar, nada passa, nada se vai. a vida é um segundo no infinito. o passado é pássaro, voa indiferente por nossos sonhos, nossas casas, nossas peles. migra em busca de temperaturas mais agradáveis e pousa no instante que costumamos chamar presente. e de vez em quando canta: o tempo vai chegar, e vamos caminhar, o tempo vai chegar, e vamos caminhar. em direção da nossa história, na contramão, de toda derrota. vamos caminhar pra mudar o horizonte distante.

Comum, de Thalita Duarte



Fotografia do teaser do III Festival A Cidade Precisa de Você



Fotografia do teaser do III Festival A Cidade Precisa de Você

o sistema, todo o sistema, quer que eu escreva. mas escrever em português? o sistema quer que eu fale em português. o sistema não quer que eu fale com as mãos. vocês me olham, parece que sou um monstro, um bicho. assustando todo mundo com as minhas expressões. o livro é escrita, mas escrita como? com a arma do sistema? parabéns pra você que fala em português, pra vocês que leem português. parabéns pra vocês. eu? eu tenho minhas mãos, que sinalizam, escrevem, expressam, toda a minha mão é uma arma pra eu me expressar. a expressão é linda. nada vai arrancar minhas mãos, minha fala.

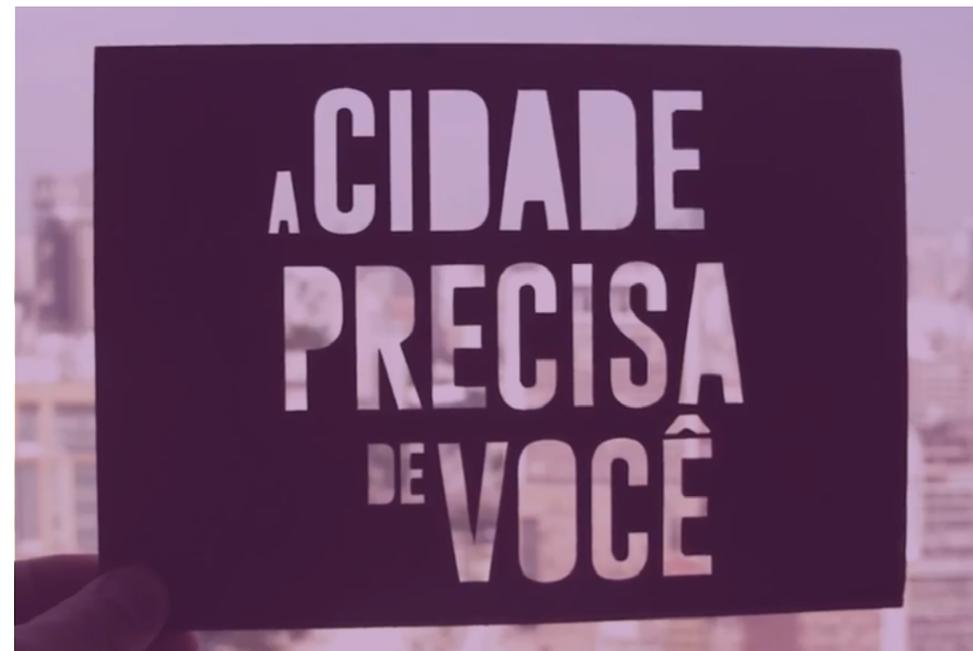
Slam do corpo, de Edinho Santos

meu desejo de estar na rua, de falar da rua, de caminhar pela rua, de ser rua. é uma ânsia por liberdade. danço o desejo de liberdade, de ser, poder, atravessar e vazar.

vazar é liquidez aprisionada entre o público e o privado, o interno e o externo. uma multidão de abismos precisando se debruçar sobre si. mas um público a cerca o tempo todo, com questões que vão privatizando, limitando, censurando, pouco a pouco vou migrando. e o desejo de rua me toma. tão forte, o desejo de falar e dançar na rua. o lugar de encontros e expressões. porém, a cidade fálica com seus externos de cimento vai calcificando minhas entranhas, e o medo me impedindo de estar na rua.

grita hoje em mim o desejo de expurgar o medo. de ir ao encontro do enfrentamento através do movimento, de ir ao encontro de tantas outras de mim que caminham por aí. e que fazem a rua não ser somente opressora. de histórias que nos empoderam e nos devolvem a nós mesmos.

Fotografia do teaser do III Festival A Cidade Precisa de Você





olho funilou, o caule, a raiz, a flor que brotou.  
o sonho é a matriz. e na matéria nós temos  
cinco sentidos, na memória ancestral, nosso  
ser tem definido.

o mestre das palavras em seu território  
clama pelas palavras que não são ditas.  
emudecidas. palavras há tempo não  
pronunciadas e que agora são gritadas,  
e migram como poesias obstinadas, por  
partidos partiturados perversamente  
planejados. sonha com palavras que não são  
ditas e escorrem pelas periferias dos lábios,  
negros lábios. abafadas em paus a pique e  
telhados, negros lábios. palavras que não  
fazem curvas e nem atalhos. negros sábios.

o mestre das palavras em seu território  
reivindica as palavras não ditas, as que são  
ditas como malditas, pois gingam, sambam,  
cantam, ritmadas em seus quadris,  
fundamentadas na raiz, a oralidade está  
em tudo, como o velho jongo diz. muro  
branco, povo mudo.

o mestre das palavras em seu território  
evidencia as palavras não ditas. abortos  
gramaticais que dissolvem os microfones em  
fúria, em batalhas épicas dessa juventude  
rua. e o bit quando quebra ainda soletra  
ostentação. é que palavra consciente se  
torna palavrão.

o mestre das palavras em seu território ecoa  
o mundo do micro para o macro. ecoa livro  
ecoa tambor ecoa periferia ecoa grafite  
ecoa picho ecoa quebrada ecoa ritos ecoa  
saraus ecoa perus.

# Caminhar de Volta pra Rua:

derivas possíveis em tempos de distanciamento social

Oficina com Coletivo Teatro Dodecafônico



"Para ser profeta, preste atenção no caminho."



"Se essa rua fosse minha."



"Inventário do que já foi inventado.  
Os caminhos da feira.  
Parar e escrever não é da feira."



"Sento em outra praça redonda onde esse ano não teve carnaval."

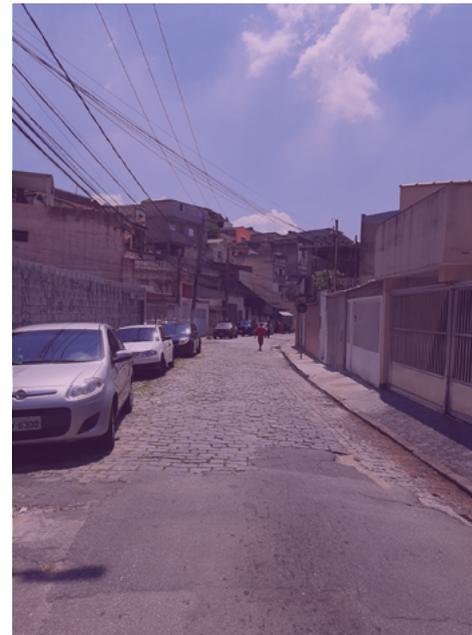
O sofá estava vendo as árvores balançarem e o caminho formado por águas que deságuam do tempo do banho... O mundo parece ter parcialmente parado. As ruas agora são caminhos retos, não podemos mais virar e entrar. Linhas do horizonte criam as erupções no ato presente. O relevo da raiz permanece. Onde fica o cuidado com o que perece?



"Ato de esperança."

"São movimentos grandes que já foram um dia tão pequenos."

"Habitar o entre."





"Eu sinto saudade do meu gato, ele morreu no começo da pandemia."

Isabela, 6 anos

"Tentei desenhar o cachorro e gosto muito da praça, eu gosto meio que de tudo."

Renoir, 10 anos

"Gosto de subir no cavalo e também de poder pular."

Gabi, 9 anos

"Saudade da pizzaria do gaúcho, de ir na tia Maria, de andar sem máscara."

Carlos, 10 anos

"Gosto da praça por causa dos brinquedos, e por lembrar do lugar em que a gente fez a homenagem para a Nicole. Tem uma árvore com o nome dela."

Laura, 7 anos

# O Lugar Que É Meu

Oficina com Camila Sawaia, Ursula Troncoso e Vanessa Espínola



"Porque eu gosto de brincar com o cachorro."

Angela, 8 anos



"Porque é muito daora."

Larissa, 8 anos



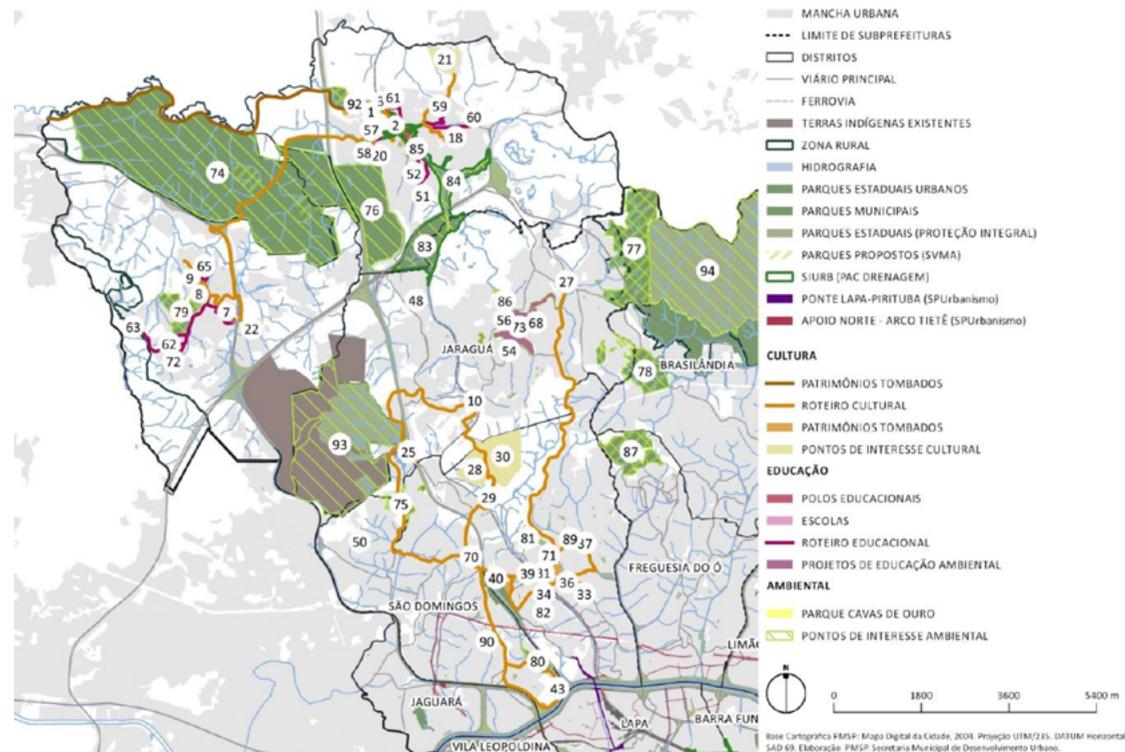
# E.Co.Cidade:

criando outras narrativas  
a partir do território

Provocação mediada por Camila Sawaia  
(Instituto A Cidade Precisa de Você)

Convidades: Andrea Muner (E.Co.Cidade)  
e Euler Sandeville (TICP Jaraguá/Perus)

Mapa do TICP Jaraguá, Perus. Crédito: Euler Sandeville



A roda de provocação contou com duas apresentações. A primeira mostrou iniciativas cidadãs que já acontecem na região da Brasilândia, Zona Norte de São Paulo, com o projeto E.Co.Cidade. A segunda passou pela história e contextualização dos Territórios de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP), que o professor Euler Sandeville introduziu ao público. O resultado foi uma ampla discussão entre os participantes, que girou em torno dos questionamentos abaixo e da sugestões a seguir:

## 1. Como fazer um inventário participativo das potências do bairro?

- entender as origens por meio de moradores mais antigos
- identificar as potencialidades e fragilidades do bairro (construtivas e imateriais)
- fazer mapeamentos afetivos
- trazer os pais para dentro das escolas
- articular com todas as organizações e atores que estão ali (comércio, poder público, escola, UBS, CEU, assistência social, etc.)



Gravações ao longo do E.Co.Cidade. Local: Espaço Cultura Jardim Damasceno.

Crédito: Andrea Muner/Arquivo Instituto A Cidade Precisa de Você

## 2. Quais as ferramentas para a valorização, fomento e permanência dessas práticas realizadas por pessoas ?

- assistência social, educação, saúde
- agir intersetorialmente
- rede de comunicação do bairro
- instituições públicas e privadas que habitam o território
- compreensão ou criação de uma identidade
- fortalecimento de pertencimento
- questão da escala: trabalhar com menores unidades

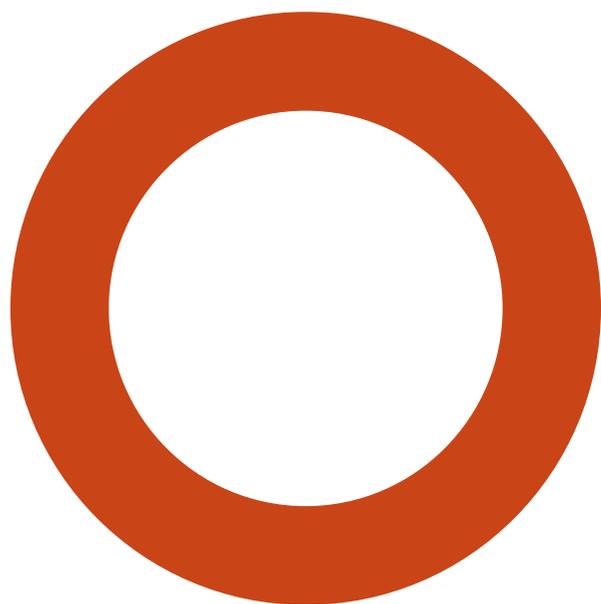
## 3. Como articular essas inteligências coletivas de forma a gerar um desenvolvimento sustentável para este território?

- articulação de redes, institutos, coletivos, etc.
- agenda 2021
- diversas igrejas: papel de articulação do território
- planos de bairro, TICP, núcleos regionais de planejamento
- fóruns participativos melhor organizados



# Jogo Fórum Urbano

Provocação com Associação Locals



João Martins e Gonçalo Folgado (Associação Locals)

Este é um manual que se lê jogando. Com base nos projetos e boas práticas do programa municipal BIP/ZIP da Câmara Municipal de Lisboa, o Fórum Urbano concebeu um Manual de Desenvolvimento Local através de cartas. O jogo é composto por três tipos de cartas: objetivos, metodologias e atividades, que podem ser lidas e jogadas de diversas formas, de acordo com o objetivo pretendido.

Neste momento, para além do jogo físico, é possível utilizar o manual em versão on-line, tal como fizemos no III Festival A Cidade Precisa de Você, no qual mais de 40 pessoas de diferentes cidades e regiões do Brasil, organizadas em mesas, construíram coletivamente estratégias de projetos para diferentes objetivos.

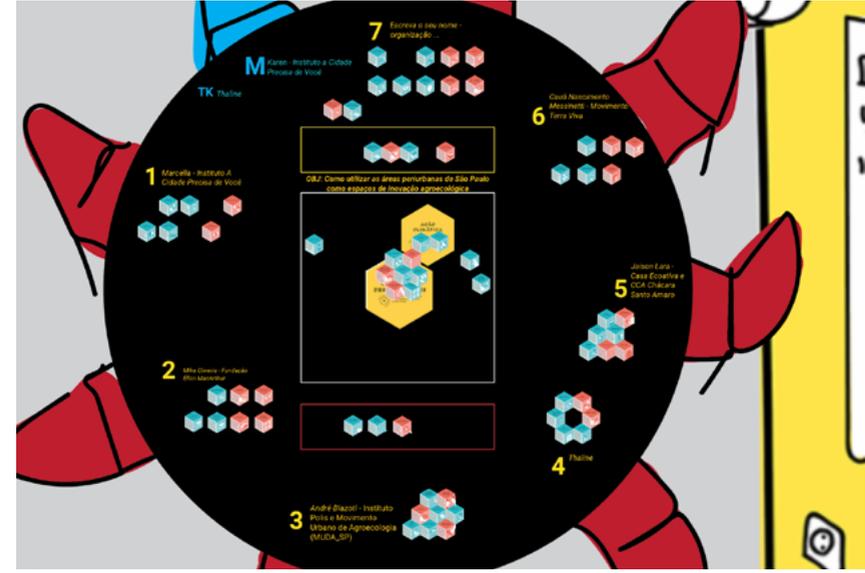
Este é um manual que, independentemente do conhecimento ou experiência que se tem sobre as matérias, é possível de ser lido e jogado. É uma ferramenta que permite a facilitação entre os diferentes atores e agentes do território, bem como engaja de uma forma divertida e colaborativa a coconstrução de estratégias e projetos de desenvolvimento local, com base em iniciativas que já aconteceram.

Bruno Ávila (Instituto Courb e Rede Brasileira de Urbanismo Colaborativo)

Em meio à complexidade urbana, a colaboração é uma valiosa ferramenta de construção de soluções para questões que impactam os assentamentos humanos. O Fórum Urbano é um jogo que permite trazer um repertório de várias soluções colaborativas que já deram certo em outras situações e, ao mesmo tempo, promover um diálogo construtivo e descontraído entre diferentes atores da sociedade.

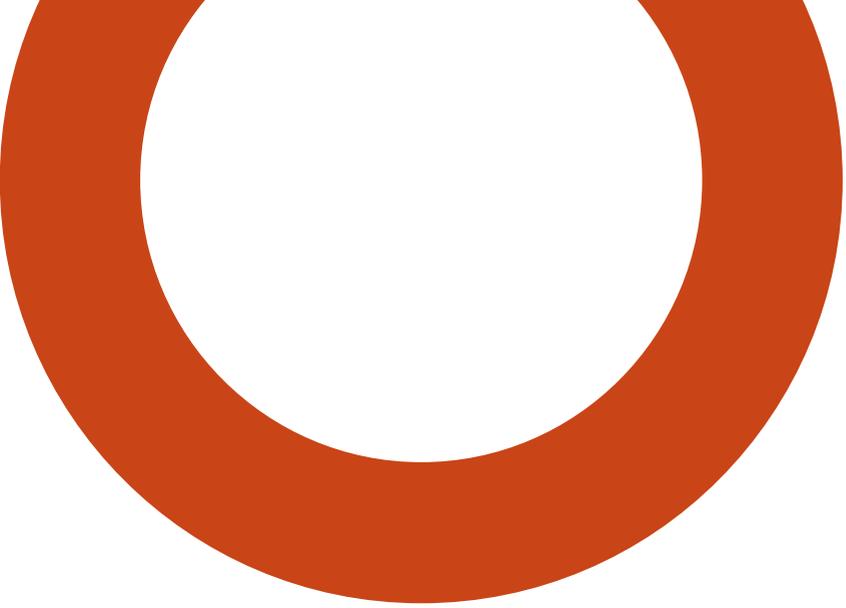
Na mesa de Brasília, discutimos como pensar a participação social do Plano Diretor de Ordenamento Territorial em um contexto de pandemia. A partir de diferentes pontos de vista, chegamos a uma solução que uniu experiências dos participantes e ideias trazidas pelas cartas do jogo. Avançar com o urbanismo colaborativo no Brasil significa promover diferentes tipos de metodologias de cocriação, para que a sociedade civil tenha cada vez mais poder sobre o planejamento e a gestão das cidades, assim como ações sobre os territórios.

Captura de Tela durante o Jogo Fórum Urbano no III Festival A Cidade Precisa de Você

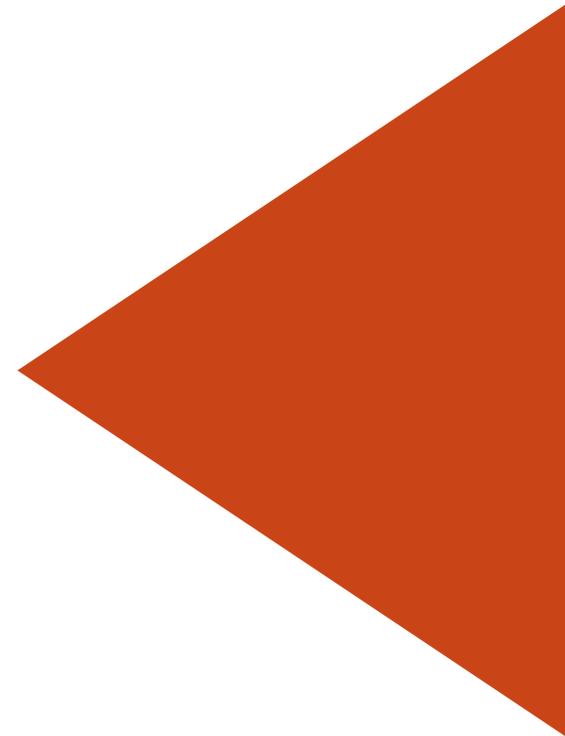


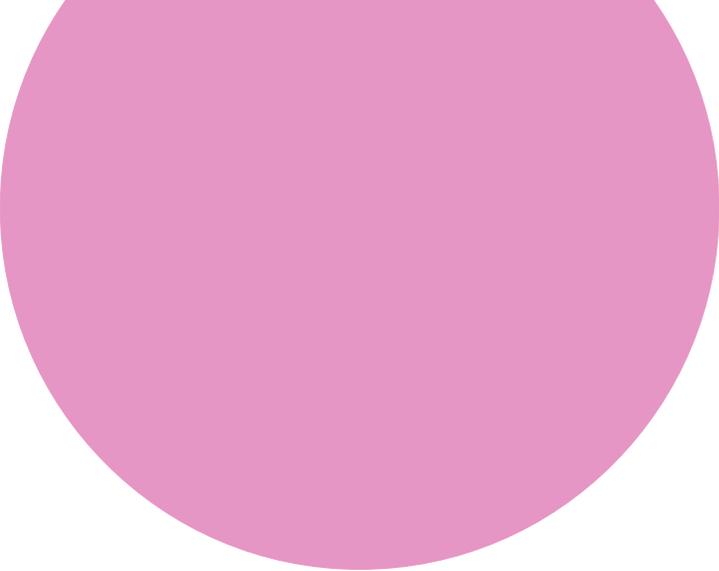
Captura de Tela durante o Jogo Fórum Urbano no III Festival A Cidade Precisa de Você



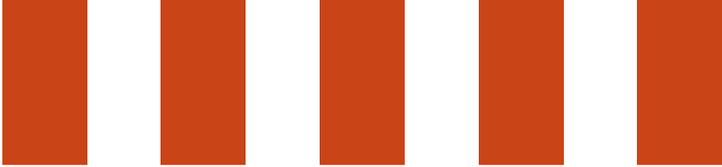


## Os Três Temas de Debate





# Potencialidades, Fragilidades e Afetos



Marcella Arruda (Instituto A Cidade Precisa de Você)

O III Festival abordou três temas-chave: como reconhecemos as potencialidades existentes nos territórios a partir das noções de **Patrimônio e Identidade**, como cuidamos das fragilidades; **Resistências e Invisibilidades**; e como, a partir da nossas ancestralidades e afetos, traçamos juntos **Futuros Possíveis**.

Trazemos nesta publicação imaginários de pessoas que admiramos, com ensaios sobre as temáticas descritas acima, relacionando-os às trocas de ideias ocorridas nas rodas de conversa de cada dia e às obras de artistas que participaram da exposição Comuna SP.

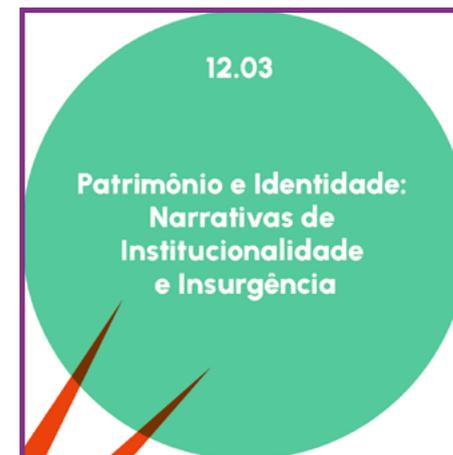
No dia em que falamos sobre Patrimônio e Identidade, debatemos a relação entre **Monumentos, ruas e museus: qual a linguagem oficial da memória**, além de destacarmos o papel da participação cidadã no reconhecimento do que vale lembrar, com a roda **Patrimônio imaterial como narrativa e identidade**. Trouxemos questões como: qual a forma pela qual as memórias são produzidas e protegidas na cidade? Qual o lugar da memória e do olhar para ela no cotidiano urbano? Como se dá a produção social das estéticas da memória e do esquecimento no espaço público?

Já no dia de Resistências e Invisibilidades, abrimos espaço para olhar para as **Presenças invisibilizadas** na cidade, em suas multiplicidades e performatividades; além de entender a importância da **Ocupação do corpo, da terra e o pertencimento** que emerge desta postura. Como os corpos são lidos no espaço público e na cidade? Como a opressão se perpetua pelos corpos e territórios e como podemos encontrar formas coletivas de combatê-la? A partir da presença, da luta e da conquista por representatividade, grupos historicamente invisibilizados marcam e reinventam a cidade e os espaços públicos. Em sua performatividade, tornam-se visíveis no meio de um campo político que atua na tentativa de apagar as fragilidades e vulnerabilidades.

Por fim, no último dia do Festival, fizemos o exercício de projetar juntas afetivas como projetos de Futuros Possíveis, a partir de um olhar complexo, reconhecendo as diversas formas de co-operar entre os centros e as periferias (do saber e do poder), e como podemos **Subverter por dentro** e **Regenerar pelas bordas**.

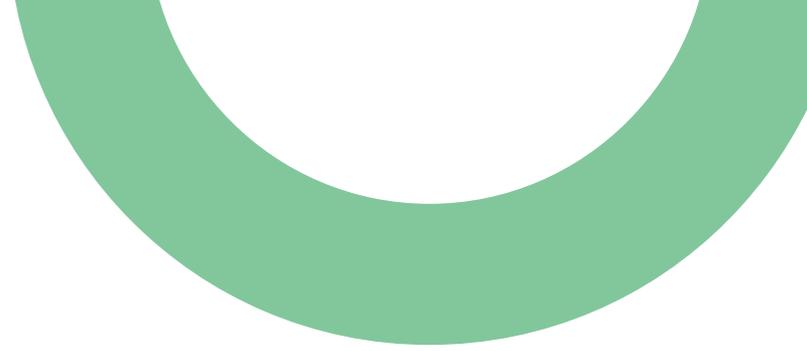
Nas próximas páginas, trazemos um pouco das experiências desses três dias.

Imagens produzidas por Nina Farkas para divulgação nas redes sociais.



The page features a large green circle on the left side. In the center, there is a large green circle that overlaps with four horizontal bars extending from the left edge. The top two bars are light green, and the bottom two are a darker shade of green. The text 'Patrimônio e Identidade' is positioned to the right of the top-left circle.

## Patrimônio e Identidade

A large green circle is positioned at the top of the page, partially cut off by the top edge.

“Observe a palma de suas mãos. A partir das linhas que foram se formando ao longo da sua vida, trace dois percursos possíveis, um em cada mão, como num mapa. Escolha um dos mapas para percorrer. Enquanto caminha, tente perceber as camadas do tempo presentes na cidade.”

Trecho do procedimento para deriva, realizado na oficina Caminhar de volta pra rua, do Coletivo Teatro Dodecafônico

Renato Cymbalista (FAU-USP/Guia dos Lugares Difíceis)

## Geopolíticas da memória

Mais do que diversidade, as rodas “Monumentos, ruas e museus” e “Patrimônio imaterial como narrativa e identidade” revelam uma nova geopolítica da memória em São Paulo. A Quilombaque e o museu Tekoa Jopó'i mostram, plenamente instaladas, temporalidades e espacialidades específicas de Perus, que dispensam as cronologias consagradas da cidade. O Coletivo Coletores há muito deixou de ser um grupo “da quebrada” e age na cidade inteira. As territorialidades e temporalidades guaranis trazidas por David Karai Popygua não pedem licença para existir — afinal, sempre estiveram por aqui e sempre estarão. Os projetos do Veracidade têm relações maduras com o poder público e as políticas públicas.

Os povos que convencionamos chamar de “da quebrada” (prefiro pensar que são mundos, universos) já fizeram a sua parte, por mérito próprio. Já os brancos têm ainda bastante chão pela frente. Alguns passos importantes estão sendo feitos: reconhecimento, respeito, consciência de privilégio são alguns deles. Mas é preciso ir além. Abandonar definitivamente as falas autorizativas, totalizantes e explicativas. Atentar para a forma como a “quebrada” descreve o centro e, com isso, o constrói. Abrir mão das representações da cidade baseadas na dualidade centro versus periferia,

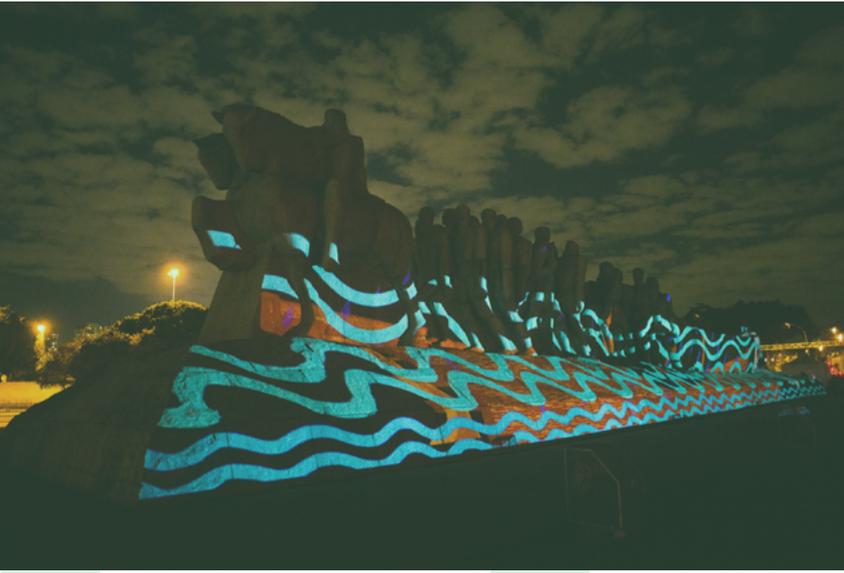
que recolocam os lugares de centralidade de sempre. Encontrar as nossas próprias natividades e ancestralidades, e passar a falar a partir delas, como uma dentre tantas tribos que precisam construir regras de convivência e compatibilidade entre tantos mundos que coexistem na cidade.

Grande parte (talvez tudo) do que tratamos como verdades de tempo, espaço, história, memória na cidade são as crenças, a magia e os espíritos dos brancos, que foram mais fortes no passado e continuam prevalecendo no presente. Não precisa ser assim no futuro.



Obra: O Carro do Ovo  
Coletivo: Aparelhamento

Obra: Chacina da Luz  
Artista: Giselle Beiguelman



Obra: Brasil Terra Indígena  
Artista: Denilson Baniwa

Cleiton Ferreira e Camila Cardoso (Quilombaque)

## Nossa teoria é a prática!

A Comunidade Cultural Quilombaque, uma organização sem fins lucrativos, nasceu em 2005 por iniciativa de um grupo de jovens do bairro de Perus, que concentra um grande índice de vulnerabilidade social na cidade de São Paulo. A Quilombaque trabalha promovendo a produção e a difusão da arte e cultura, proporcionando aos moradores da região oportunidades culturais e de lazer, para que eles próprios consigam descobrir perspectivas empreendedoras e emancipatórias no lugar onde vivem.

Devido aos danos proporcionados por intervenções urbanas, especulações imobiliárias e o grande acervo patrimonial existentes nesta região, iniciou-se a parceria entre a Quilombaque, o Movimento de reapropriação da fábrica de Cimento Perus e o Núcleo de Estudo e da Paisagem FAU-USP para a criação do Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP), que apontou com linguagem técnica todas as particularidades e potencialidade deste território.

O TICP situa-se em uma região considerada pela Unesco como Reserva da Biosfera do Cinturão Verde, compreendida pelos limites administrativos dos distritos de Jaraguá, Anhanguera e Perus, e que, juntos, possuem um grande acervo de bens patrimoniais.

O TICP propõe um espaço educativo, cultural e colaborativo, reconhecendo o potencial afetivo de produção de conhecimentos, as experiências da população, articulando equipamentos, patrimônios culturais e naturais, lugares de memória, diálogos e a produção cultural local. Este instrumento traz o reconhecimento dimensional da cidade, considerando questões econômicas e funcionais, indo na contramão de como, tradicionalmente, pautam-se os modelos de planejamentos urbanos convencionais.

Em 2014, com o intuito de preservar e desenvolver adequadamente o território de modo inclusivo e sustentável, assim como a comunidade e suas histórias, o TICP foi transformado em lei pelo Plano Diretor Estratégico (PDE) da Cidade de São Paulo, como ferramenta de gestão participativa e fomento à educação cultural. Diante deste contexto, desenvolveu-se um mecanismo que possibilitasse dar forma, articular e organizar de maneira dinâmica as lutas locais, para que essas memórias fossem acessíveis à comunidade e à população em geral.

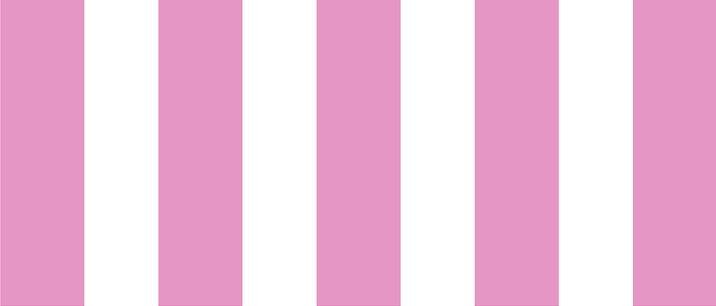
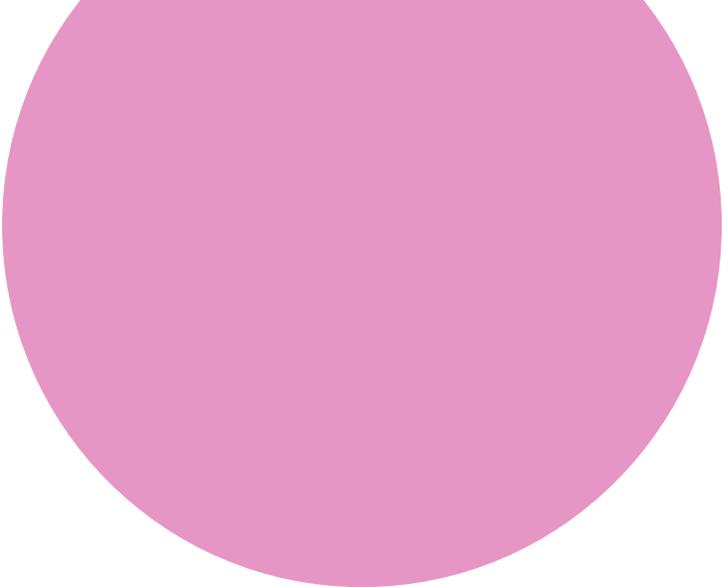
Deste desdobramento, criou-se um museu social, o Museu Territorial de Interesse da Cultura e da Paisagem Tekoa Jopó'í, nome no idioma guarani que significa território (Tekoa) e a lógica econômica dos povos guaranis (Jopó'í): "Quanto mais você doa mais prestígio você tem". O museu propõe diálogos, conecta movimentos sociais, resgata a memória da região e divulga as lutas que acontecem no território através de mecanismos vivos de ações coletivas, incentivando a sustentabilidade local. Foram mapeados lugares de interesse da história, do afeto, do ambiente, das lutas sociais,

abarcados no território de Perus, Anhanguera e Jaraguá. Assim, narrativas são produzidas em forma de trilhas educativas, que possibilitam diferentes percursos e olhares educativos e culturais.

Para organizar e dinamizar as trilhas educativas trazidas pelo Museu Tekoa Jopó'í, nasce a Agência Queixadas de Desenvolvimento Eco Cultural Turístico, oferecendo uma proposta pedagógica que proporciona uma experiência prático-educativa encantadora, proporcionando valores que consideram as multidimensionalidades ao abordar as diferentes possibilidades de leitura da realidade, da cidade e de um novo fazer cultural, bem como construir possibilidades de experimentação da periferia como um manancial cultural rico de formas, cores, saberes, sabores, e o reconhecimento da alta importância de se ter conhecimento.



Trilha da memória - Fábrica de Cimento  
Crédito: Acervo Quilombaque



## Resistências e Invisibilidades

“Caminhe por 25 minutos. Observe em qual território os seus pés estão pisando. Ao mesmo tempo, procure por pessoas com as quais você possa se conectar através do olhar. Quais os limites do que você considera ‘seu lugar?’ Quais os limites do território que você pode se responsabilizar? O vínculo com o espaço fortalece o vínculo com as pessoas?”

Trecho do procedimento para deriva, realizado na oficina Caminhar de volta pra rua, do Coletivo Teatro Dodecafônico

Obra: #vidaspretasimportam  
 Coletivo: Nós Artivistas  
 Fotografia: André Pennet



Intervenção: Escadaria Marielle Franco - Zona Oeste, SP  
 Coletivo: Fumaça Antifacista

João Simões (cocurador da Explode! Residency)

## Vestígios

Caminhava por uma avenida Paulista e, como que atraído por um chamado, adentrei o vão vazio do Masp. A passos soltos, cheguei ao seu beiral, onde pude avistar uma bela planície. Árvores, rios, pássaros e outros seres habitavam aquela imensidão de mata. Como num timelapse ao vivo, observei a floresta se transformar entre a expropriação da terra e o soterramento do rio, apagamento de vidas karijós, tupinikins, guayanás, maromomis, extirpadas, violentadas e exploradas, assim como de africanos sequestrados e escravizados. Corpos que vinham e desapareciam na mesma velocidade com que outros iam ocupando seus lugares. E, nesse desaparecimento, vi surgir a imensidão do concreto e da modernidade veloz de carros e contradições.

**“Tava durumindo cangoma me chamou  
 Tava durumindo cangoma me chamou  
 Disse levante povo cativo já acabou”**

Este sonho, que foi recorrente por um tempo de minha vida, veio-me presente após a escuta de duas falas que compuseram o Festival. Ao ouvir sobre estas experiências de resistência, de ocupação, de transformação, de ressignificação dos espaços em relação à



pluralidade de corpos que nele vivem, penso sobre a dimensão que apontamos muitas vezes como crise ou tragédia, e que, no meu ponto de vista limitado, anuncia-se como projeto. Um projeto colonial, racista, cis-hétero-normativo, binário, capitalista, patriarcal e um grande número de questões outras, entrelaçadas e alicerçadas em camadas de concreto, ferro e piche. Camadas de complexidade, camadas de cidade, camadas de um modelo de existir universalizante.

Vivemos, cantamos, cozinhamos, beijamos, dançamos, jongamos, rimos, fazemos filmes, trabalhamos, ocupamos, vivemos mais um pouco. A gente combinamos de não morrer. E, assim, seguimos com/contra/diante/através/ sob este projeto, propondo alternativas, não enxergando, construindo juntos, perdendo tempo, ganhando vidas e nos contradizendo. PANCs do asfalto. Magia. Ancestralidade. Projeto de lei. Queixada. Carnaval. Babado e confusão.

Paulo Gayatri compõe registros pra Odec  
 - Oficina de Dança e Expressão Corporal

## Poesia Dançada - Correspondência Sentida

Resistências  
 Insistências  
 Dançar a inconveniência,  
 e aproveitar do incômodo  
 para ascender  
 Não se deixar abater

Lá,  
 onde o Judas perdeu as botas  
 eu encontro a vida!  
 (e as botas!)  
 Tornar a distância em ponte,  
 abrir espaços  
 para multidões  
 passarem

Gabi  
 Gá - a - bí  
 Cá e Aí



Pessoas juntas em momento de pessoas separadas  
até parece errado



Hoje em dia  
o desafio  
é manter  
a mente fria,  
pois do direito que temos  
de ir  
e vir  
fomos contrariados

No mato,  
eu não te mato!  
Mato maroto

É difícil se encontrar sozinho?

Ah!, como são invisíveis  
nossas solidões,  
estampadas nas telas  
- conexões e ligações,  
estocadas nos armários  
- mantimentos e fantasias de carnaval

Volta ODEC!

Já voltou!  
Tessão da Dança voltou!

Um momento para refletir:  
E quem não tem isso?  
Acesso?  
Ao prometido progresso?

O sonho da Renda Básica  
ainda me inquieta,  
viro para um lado  
e para o outro,  
esperando que do sonho  
nasça realidade

Insensato, ingênuo, sonhador...

Mas qual é o seu Status?  
Quantos seguidores você tem?

Nem sei dizer...  
Nestes tempos, difícil saber.

Mas o importante é:  
Lavar a louça suja  
e fazer deste tempo um lugar de acolhimento  
onde todas, todes e todos



recebam seus lugares de protagonismo.

Quando você lava a louça,  
você dança?  
Ou é a dança da vida que te lava a alma?

Quando você lava a louça,  
você dança?  
Ou é a louça que te faz dançar?

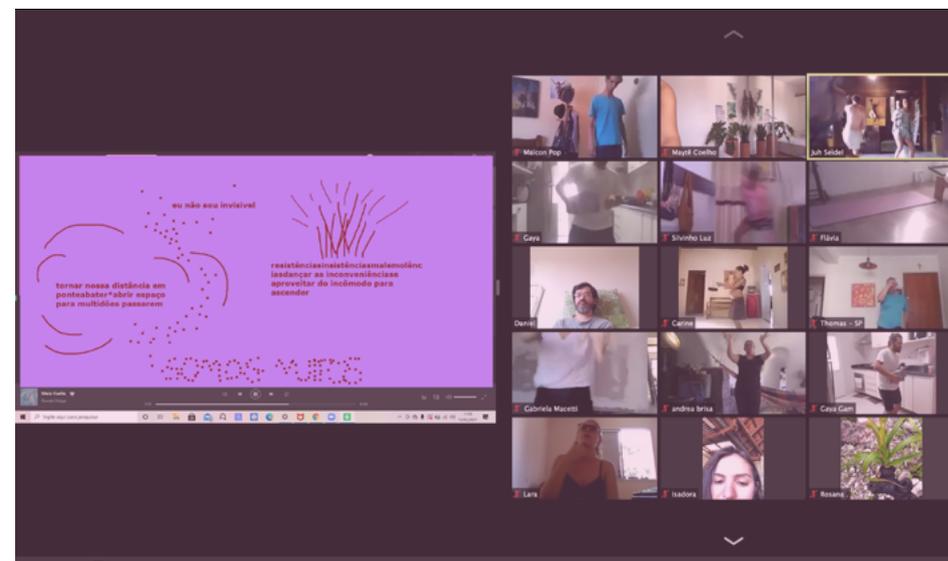
Quando fiquei parado  
o copo quebrou.  
Me mexi para não machucar.

Permitir o corpo em Liberdade,  
em Ritmos e Delícias  
Celebrar a vida nascendo a todo o tempo,  
nutrir o momento com movimento.

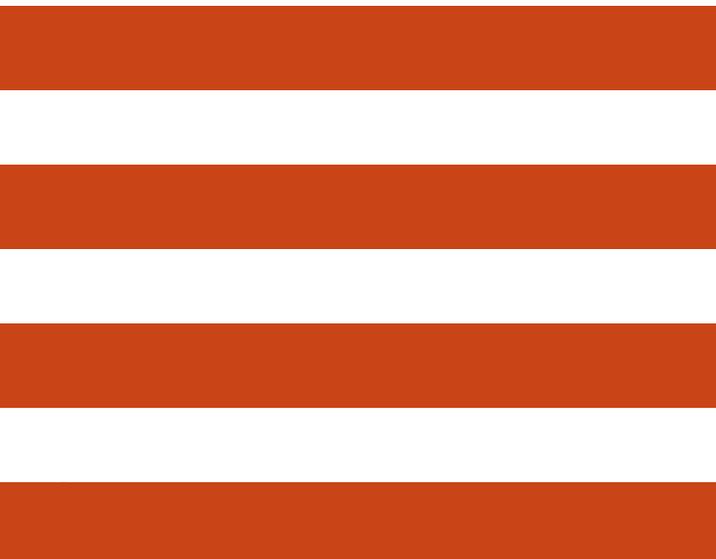
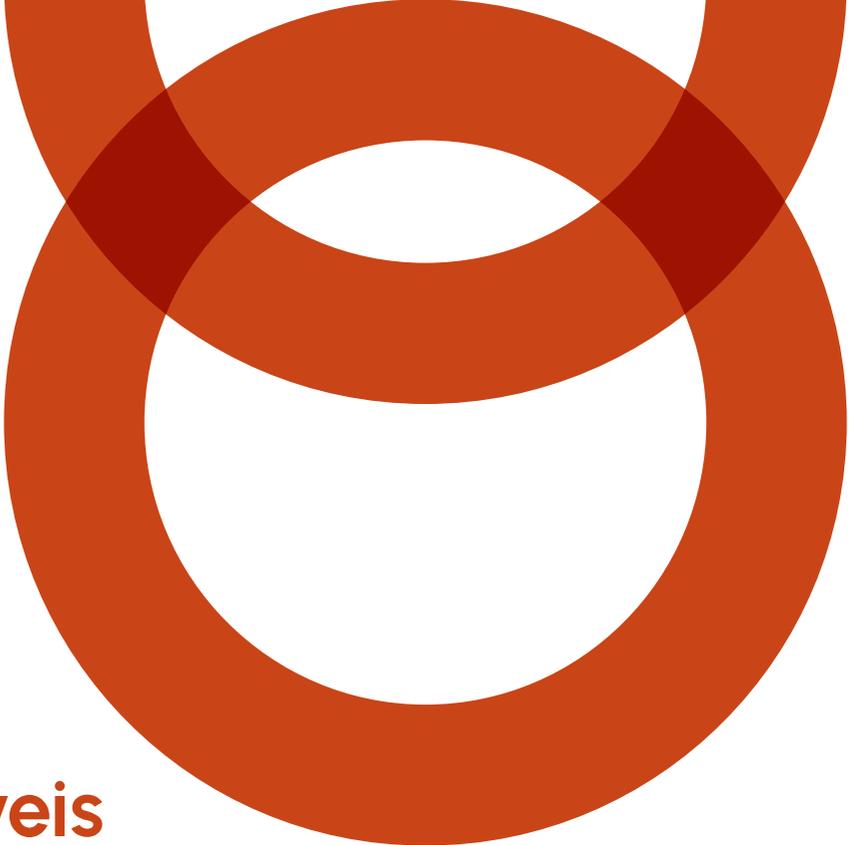
Pertencer é um estado de espírito.

Pensar nas performatividades do cotidiano.  
Apropriar-se das instabilidades para se equilibrar,  
mesmo que o banho seja de água fria!

Captura de Tela durante a Oficina de Dança e Expressão Corporal no III Festival A Cidade Precisa de Você



## Futuros Possíveis



“Caminhe por 25 minutos, observando detalhadamente o uso dos espaços. Faça uma pausa de 5 minutos para construir um inventário. Caminhe por mais 25 minutos, repassando por parte desses territórios. Imagine outros modos pelos quais esse pequeno mundo poderia ser habitado, atividades que poderiam ser suspensas, atividades e modos de habitar que poderiam ser inventados do zero. Faça uma pausa de 5 minutos para criar um contra-inventário, imaginando outros mundos (im)possíveis.”

Trecho do procedimento para deriva, realizado na oficina Caminhar de volta pra rua, do Coletivo Teatro Dodecafônico

Rodrigo Iacovini (Instituto Pólis)

## Transgressão

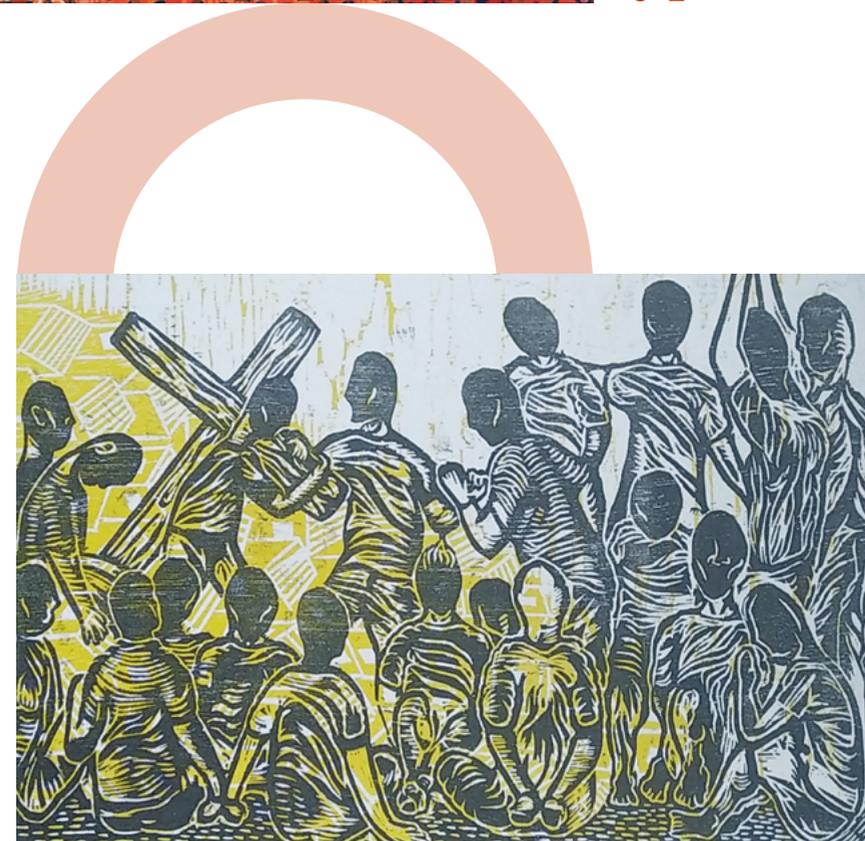
Rua. Território. Bordas. Mais do que a materialidade física, expressam categorias socioespaciais que mobilizam, hoje, artistas, urbanistas, políticos e moradores. São reconstruídos e disputados cotidianamente através de processos políticos, econômicos, simbólicos e estéticos. Estão no centro (e nas margens) da reivindicação do direito à cidade.

Enquanto cartas anunciam a institucionalidade, a eclosão de novos urbanismos, coletivos renovam a utopia a partir da potência dos corpos e dos territórios situados nas bordas. É um balé, uma dança sincronizada, que ocupa espaços sem pedir licença e subverte a ordem através das brechas que encontra. Esses coletivos não esperam, não aceitam a ordem preestabelecida, mesmo quando jogam de acordo com as regras. Seja com iniciativas dentro dos limites burocráticos, seja com ações diretas de enfrentamento à lógica urbana excludente, situam-se no âmbito da transgressão, já que miram na subversão da realidade social.

Em tudo, e por tudo, trata-se, em última instância, da luta pela redistribuição de poder e de riqueza. Desde o poder de se afirmar pelo sem quaisquer concessões estéticas ou morfológicas, até a apropriação justa e equânime do benefício produzido pelo suor de todas, todes, todxs e todos. Urbanismos colaborativos, cidades afetivas.



Obra: Peixe Pau-a-pique  
Projeto social: JAMAC (Jardim Miriam Arte Clube)



Xilogravura: Forjados  
Artista: Fernando Mariano  
Grupo: Xiloeasa



Fotografia de Jo Bellissimo realizada no curso Paisagem Projeto  
Coletivo: Ali:Leste (Arte Livre Itinerante)

Naná Aguilera (Ali:Leste)

## Respiro

ela transita entre Norte e Sul, Leste Oeste, zona rural, litorânea, interior e agreste. ela é muitas e na mão de um, é uma. ela é uma e na mão de vários é muitas. ela é forma, textura, som, toque, cor. ela é choque que mostra equidade entre diferentes realidades. é aquela que desafia o sistema por ser ímpares e também pares. pro pensamento é liberdade. pro fogo é a chama que arde. pra gota, é o oceano que invade. pro artista, é o motivo da viagem.

então, viajo

jornada longa, entre margem e centro, começa cedo e acaba tarde. no meio do dia o ombro pesa e o sono bate. do cansaço apoio. mas pela janela do ônibus vejo aquela que me mantém a sanidade. ela está nos lugares, está nas pessoas, está nos ares, está em todas as manhãs que vejo a tag museu pichada nos muros, enquanto ela colore tudo nesse caos é cansaço, é distância, é São Paulo, é periferia, é centro, é respira, é também agonia, é pedra é cinza é azia. e pra curar essa queimação toda aqui dentro misturo vivência, caderno, caneta, todas as palavras que conheço e coração. no fim do dia, dá poesia. e o nome dessa aqui é ar. ar te. então, respiro.

The image features a white background with several abstract geometric elements. In the top left, there is a green sunburst shape with many thin, pointed rays. To its right, a series of overlapping purple diamonds are arranged in a row, with each diamond partially overlapping the one to its right. Below the sunburst, the text 'Memórias para um Porvir' is written in a purple, sans-serif font. In the bottom left, there is a large, light pink circular shape that is partially cut off by the edge of the frame. Below this circle, there are five vertical orange bars of equal height and width, arranged in a row. In the bottom right, there is a large, light pink circle that overlaps with the purple diamond pattern.

**Memórias para  
um Porvir**

Marcella Arruda e Camila Sawaia (Instituto A Cidade Precisa de Você)

O que fica dos encontros, das conversas, dos aprendizados? Quais lugares no nosso encontro recriaram o significado da cidade para você? Como direcionar aquilo que o/a afeta para realizar uma ação política, crítica e criativa de construção do futuro da sua cidade? Como convergir desejos, motivações e recursos em um fazer coletivo?

Conforme escrevemos, pedimos licença para os mais velhos e para todas que participaram deste Festival, tecendo um diálogo com elas e através delas, visando a costurar e movimentar o poder destas ideias a serviço de uma justiça socioespacial. Buscar a escuta de pessoas que, como Patricia Hill Collins, ativista negra, nos coloca: "enfrentam problemas sociais produzidos por raça, gênero, classe social, sexualidade, idade, capacidade, nacionalidade e sistemas semelhantes de opressão. Nossas lutas para viver uma vida significativa podem ser organizadas e sentidas de maneira diferente, mas nossas experiências, quando consideradas conjuntamente, revelam porque as ideias continuam sendo fundamentais para as lutas por liberdade, igualdade e justiça social. O compromisso com princípios éticos mais amplos, como estes, nos permite responder coletivamente às injustiças sociais".

Para isso, precisamos produzir o estar-em-comum,

como defendem Gibson-Graham em *Post Capitalist Politics*. Tecer a rede e continuar a alimentá-la, mesmo nos momentos mais adversos, como o deste projeto de necropolítica, como nos alerta Achille Mbembe, a que estamos sujeitos.

Vandana Shiva, filósofa, física e ecofeminista, conta-nos que a necropolítica é um plano, um projeto que advém da monocultura do pensamento, que produz uma política de morte (assim como a pandemia de Covid-19), que está correlacionada a uma monocultura da relação com a terra.

Mas é necessário lembrar-nos da conscientização de Paulo Freire: apesar de a ele<sup>1</sup> **estarmos sujeitos**, também **somos sujeitos** – temos agência e somos participantes na criação e contínua transformação do mundo, podendo nos mobilizar **para uma política de permanência da vida**.

Enquanto as violências e opressões existirem, existirão resistências. Re-existências que se manifestam em resposta às desigualdades e falta de acessos, na sevirologia<sup>2</sup> como forma criativa de lidar com os limites, na abertura constante do campo de diálogo com os outros — independentemente de quem for, nos espaços de cuidado com uma biodiversidade humana e não humana, na criação livre de outras formas de agência em estar no mundo, que escapam à tentativa de captura dos dispositivos de controle do capital.

Precisamos reconhecer a noção de **urgência** do paradigma que habitamos, nos diz Eliane Caffé, na roda Presenças Invisibilizadas do III Festival, no qual o tempo vale por sua produtividade

<sup>1</sup> ELE NÃO. Ele é o homem que representa um sistema branco, patriarcal, racista, fascista, machista, escravista, colonial, moderno e extrativista.

<sup>2</sup> Conceito criado pela Quilombaque na região de Perus, Zona Norte de São Paulo, e difundido pelo educador popular José Soró.

e não por suas experiências, um tempo que oprime e consome. Precisamos exercitar a desaceleração, a paciência e a conservação. Pensar o tempo da existência, da permanência, dos encontros. Um tempo que dá liga à continuidade e à comunidade, que nos permite olhar para nosso ser no mundo.

É preciso o tempo da garantia de permanência da vida, de alimentar o corpo e a alma através da educação, cultura, agroecologia. Um tempo que permite olhar para todos os fazeres, enxergando o que hoje é **invisibilizado**. É valorizar o trabalho extremamente necessário de cuidado e manutenção da vida (dos corpos e do Planeta), de **resistência** da existência.

Este encontro reclamou pelo direito à memória: para que as sabedorias que organizam este cuidado não desapareçam. Precisamos relembrar e compartilhar estes saberes; como compartilhá-los com outras pessoas que não os acessam? Como honrar e cuidar da vida dos detentores destes saberes — pessoas que são, em si, patrimônios vivos? “Quando morre um griô, morre uma biblioteca viva”, contou-nos Ana Carolina Martins, na roda Regenerar Pelas Bordas, do III Festival.

Biblioteca de culturas, memórias, pertencimentos, identidades e saberes que nos abrem ao múltiplo, ao novo, que convidam para o atuar junto. Que nos levam a ter esperança. “mas ter esperança do verbo esperar; porque tem gente que tem esperança do verbo esperar. E esperança do verbo esperar não é esperança, é espera. Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar

adiante, esperar é juntar-se com outros para fazer de outro modo”, explica Paulo Freire em **Pedagogia da Esperança** (1992).

Por isso, acreditamos e lutamos para criar políticas que possam apoiar e assistir às necessidades, garantir acesso e gestão compartilhada dos bens necessários para a vida (como defendido por Alberto Acosta, em seu livro **O Bem Viver**) e garantir aquilo que nos alimenta física e simbolicamente. Não bastam meras políticas de inclusão daqueles que estão fora, as maiorias minorizadas, nas quais o heterogêneo é o resto, o que fica pra fora; mas, sim, políticas onde todos caibam e nos levem à celebração das diversidades, de identidades coletivas múltiplas.

Faz-se urgente um olhar atento, criador de mapas, que nos indique onde existe a falta, um convite à redistribuição. Saudamos a partilha e as formas outras de divisão, que apenas somam e criam possibilidades. Valorizamos a distribuição de renda, partilhas territoriais do orçamento que, sobrepondo camadas, ajudam na redução de desigualdades, garantem a possibilidade de seguir sonhando.

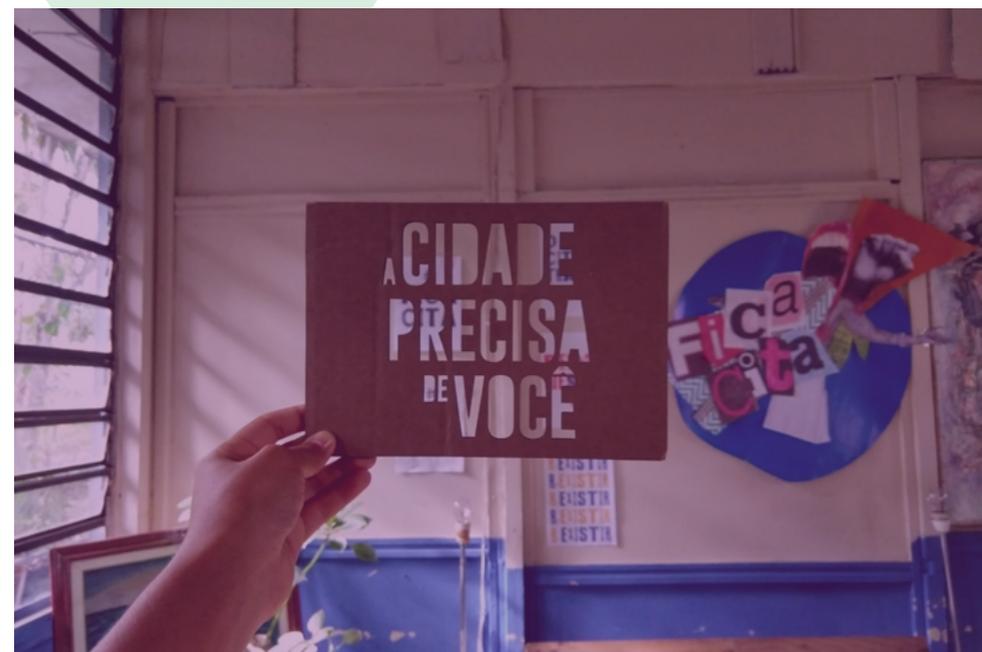
Possibilidade de olhar para essas desigualdades e fragilidades, colocar em pauta e em questão as definições dadas da história que nos chegam. Foi momento de valorizar a autodeterminação do que é **patrimônio** e que constitui a **identidade**, ouvir e colocar luz naquilo que é significativo para cada grupo, coletivo e singularidade.

Neste sentido, além das políticas, acreditamos no movimento autogerido: na criação de uma cultura comunitária, colaborativa, do

cuidado, “que sustenta aquilo que não tem estrutura por meio dos afetos, do desejo de estar juntos: continuamos a existir porque não somos obrigados”, como diz Isabela Umbuzeiro. Acreditamos na produção cotidiana do comum: que não tem forma fixa e não exige a obrigação de projeto, mas que se propõe ao cultivo das relações que habitam o entre — os nós.

Mas que lugar “entre” é este? É o espaço que transborda e inunda, que relaciona, que permite o deslocamento e, no movimento de estar sendo, possibilita ir além dos limites, reconhecer as brechas, habitar as bordas. São espaços de intervalo, que criam relações dinâmicas entre elementos a princípio contraditórios, que favorecem o simultâneo e o diverso. Contrariando a lógica de pensamento dualista, imaginam novas formas, outros porvires em ser, estar e habitar no mundo, cultivando a esperança de **futuros possíveis**.

Fotografia do teaser do III Festival A Cidade Precisa de Você



Cartografia em  
Movimento







INICIATIVA

A CIDADE  
PRECISA  
DE VOCÊ

REALIZAÇÃO

| Secretaria de  
Cultura e Economia Criativa



SECRETARIA ESPECIAL DA  
CULTURA

MINISTÉRIO DO  
TURISMO



